FLORA

DOS

LUSIADAS

PELO

CONDE DE FICALHO

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1880

FLORA

DOS

LUSIADAS

FLORA

DOS

LUSIADAS

PELO

CONDE DE FICALHO, Francisco Manuel Carlos de Mello,

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1880

FLORA

DOS

LUSIADAS

PELO

CONDE DE FICALHO

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1880

FLORA

DOS

LUSIADAS

FLORA

DOS

LUSIADAS

PELO

CONDE DE FICALHO

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1880

FLORA

DOS

LUSIADAS

FLORA

DOS

LUSIADAS

PELO

CONDE DE FICALHO,

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1880

INTRODUCÇÃO

No edificio vaſto e complexo dos *Luſiadas* entram os mais variados materiaes. Luiz de Camões, ſobre ſer um grande poeta, foi um eſpirito de funda e fina cultura. O que ſe ſabia em ſeu tempo, nas lettras e nas ſciencias, ſoube-o elle. E na contextura do monumento, que levantou á gloria da patria, fez entrar não ſó as inſpirações da ſua alma nobiliſſima, mas as noções que lhe miniſtravam uma paſmoſa erudição, e uma inſtrucção ſcientifica ſegura e completa. Não é um eſpirito concentrado e retraído que ſe poſſa eſtudar ſó na ſua evolução interna; mas uma intelligencia aberta a todas as impreſſões, cuja hiſtoria é inſeparavel da hiſtoria do ſeu tempo.

A vaſtidão da obra, a multiplicidade das noções que n'ella entram, a diverſidade das noticias, a ſolidez dos conhecimentos, não ſe comprehendem na ſimples e rapida leitura, porque a admiravel fórma litteraria grupa todos eſſes elementos n'um todo de ſurprehendente unidade. Os materiaes eſtão tão finamente ajuſtados, tão gracioſa e ſolidamente entretecidos, que o poema nos apparece

como uma creação efpontanea do genio. Um exame detido, moftra-nos porém quantos e quão variados elementos eftranhos o Poeta reuniu e engaftou no feu primorofo lavor.

Em algumas obras de Camões, a fua filiação poetica é manifefta. A volta viva, animada, popular da phrafe, os conceitos fubtis, os trocadilhos e oppofições graciofas, mas laboriofamente procuradas, os requintes de fentimento, accufam a influencia, aqui de Gil Vicente, ali de Bernardim Ribeiro, e em geral da geração anterior. É um refto da poefia cavalheirefca e popular da edade média. Das *ferranas* e *cantigas de amigo* dos velhos cancioneiros, paffando por algumas bellas compofições da compilação de Rezende, até ao grande poeta, pode feguir-fe um fio de tradições não interrompidas. Em outras obras, e mui particularmente nos *Lufiadas,* a tranfformação ê completa. A velha influencia portugueza e popular fica no dizer agudo e graciofo, mas o trato dos claffícos, e fobretudo o genio maravilhofo do efcriptor alargam a concepção, e dão ao eftylo uma amplidão fingular. A evolução que fe paffa no efpirito de Camões affemelha-fe á que fe dava na pintura italiana, que da fórma admiravelmente pura, e myfticamente ideal, mas um pouco convencional e mefquinha dos quatrocentiftas, paffava ao eftylo largo, franco e robufto dos grandes meftres do feculo feguinte. Camões tem como Raphael diverfas *maneiras*. Na plena evolução do feu genio poetico abandona a poefia myftica e efcholaftica dos feculos paffados, e a mais recente invenção cavalheirefca, com a fua fórma particular do maravilhofo. Põe de banda as ficções, um tanto groffeiras, das fadas e encantadores, e volta francamente ao mytho grego mais fino, mais culto e mais poetico. A fua erudição claffica é affombrofa. A intricada pleiada dos perfonagens mythologicos, e os mais fomenos fucceffos da antiga hiftoria aco-

dem-lhe á penna, com uma facilidade ſurprehendente. É bem um homem da renaſcença, um contemporaneo dos grandes eſpiritos que nas ſciencias, nas lettras e nas artes revolucionam o mundo velho. É ſemi-pagão, como quaſi todos no ſeu ſeculo, a começar pelo papa Leão x. Algumas das ſuas paginas,—o retrato de Venus e a ilha dos Amores—parecem quadros dos ſeus illuſtres contemporaneos, Corregio e Ticiano. São as meſmas deuſas e as meſmas nymphas. É o meſmo amor pagão da fórma correcta, da carnação fina e firme, da livre expanſão da vida animal, da nudez robuſta e ſadia banhada de luz. Camões é grande pelos incomparaveis dotes do ſeu eſpirito; mas é grande tambem pela grandeza do ſeu tempo, e pela gloria do ſeu paiz que, chegada ao ponto culminante, ia dentro em breve decair. Não é poſſivel ſeparar a ſua obra do grande movimento das intelligencias, que ſe paſſa fóra e dentro de Portugal.

A renaſcença tranſformara a arte e a litteratura, e renovara a ſciencia. Mais lentamente porém, porque foi mais litteraria que ſcientifica. Meſmo a renaſcença ſcientifica foi no ſeu começo—ſeja-nos licita a expreſſão—puramente litteraria. As obras dos grandes naturaliſtas gregos, reſtituidas á Europa, em parte pelos trabalhos dos arabes, haviam ſuſcitado um grande enthuſiaſmo, no meio do qual parece eſquecer a natureza, que as tinha inſpirado. Ariſtoteles é o objecto de um culto fervente, ha quaſi uma religião Ariſtotelica; mas os productos de que tratara não são eſtudados. Em volta de Dioſcorides pullula uma legião de commentadores; mas as plantas do campo permanecem por examinar e comparar. Tomam-ſe de cór os aphoriſmos e os preceitos de Hippocrates e de Galeno; mas não ſe preſcrutam ſymptomas nem ſe diſſecam cadaveres. Interpretam-ſe as paſſagens obſcuras de Ptolomeo; mas não ſe obſervam os aſtros, nem ſe deſcobrem novas terras. A humani-

dade, que acorda, hesita, quer reatar o fio quebrado da sciencia, e vae procural-o á grande fonte dos escriptores classicos. Estuda os livros, porque não comprehende ainda a natureza, como o pintor inexperiente copia o quadro do mestre, antes de se atrever a lançar na téla os lineamentos do modelo vivo.

Correm porém os annos, e a sciencia começa a quebrar as peias da tradição; emancipa-se pouco a pouco da tutela classica. Observa, compara, e encontra terras que Strabão não enumerara, plantas que Dioscorides não descrevera, animaes que Plinio não conhecera. O grande movimento de navegações e descobrimentos, que Portugal enceta, contribue poderosamente para dirigir os espiritos n'este sentido. O velho mundo, apertado, alarga-se e rasga o circulo ficticio, em que o encerravam os mares, julgados innavegaveis. Raras peregrinações de intrepidos viajantes, haviam nos seculos anteriores lançado alguns raios de luz, tenues e fracos, na obscuridade que envolvia as longinquas terras. Mas as copias das relações d'essas viagens jaziam ignoradas nos archivos, ou eram despresadas, por ficticias e mentirosas, como succedeu á de Marco Polo. Agora porém as viagens succedem-se sem interrupção, systematica e methodicamente continuadas; e dentro em pouco a imprensa espalha ao longe os seus resultados.

Portugal torna-se um centro scientifico importante. A escola de Sagres produz os seus fructos. Succedem-se os astrologos que pouco a pouco se vão convertendo em astronomos. Portuguezes alguns, judeus e arabes os mais d'elles. É um resto de sciencia semitica, legado á peninsula pela velha Cordova. Pelos fins do seculo XV, ou principios do seguinte, quasi todos os homens notaveis nas sciencias mathematicas e geographicas concorrem a Portugal, ou tomam serviço nas suas armadas. É Alvise Cadamosto, o minucioso observador das terras da

Guiné que vem aliſtar-ſe entre os capitães de D. Henrique. É Martinho Behaim, o diſcipulo dilecto de João de Monte Regio, o companheiro de Diogo Cão, o auctor do primeiro globo geographico, que ſe volve portuguez e morre em Portugal. É Chriſtovão Colombo, o deſcobridor da America, a quem um ſeu amigo eſcreve de Italia, que já o julga eſquecido da ſua nacionalidade e tornado portuguez. É Americo Veſpuccio, o que devia legar o ſeu nome ao Novo Mundo, que ſe incorpora nas armadas de D. Manuel. Outros ſeguem de longe e avidamente o movimento ſcientifico, que ſe paſſa nas praias occidentaes. O grande aſtronomo Toscanelli eſtá em correſpondencia com Portugal. Pedro Martyr d'Anghiera penſa em vir eſtabelecer-ſe no occidente, ſó para eſtar mais proximo das maravilhoſas noticias das novas terras. Ramuſio e Jeronymo Fracaſtor recolhem cuidadoſamente a relação da viagem de um piloto portuguez, que o primeiro dá á eſtampa.

A Europa, repreſentada pelos homens que mais vivo raſto de luz deixaram na ſciencia do ſeu tempo, vem tomar parte no grande comettimento das nações occidentaes, ou aguarda os ſeus reſultados com anciedade. Iſto baſtaria para atteſtar o cunho ſcientifico das navegações portuguezas, ſe o não tiveſſemos patente nas paginas dos noſſos eſcriptores. E não ſão ſó os livros dos grandes eſpecialiſtas, como Pedro Nunes, ou Garcia de Orta, que nos demonſtram a cultura ſcientifica d'aquelle tempo. Eſſes não podem dar a medida da inſtrucção geral. São os livros dos homens de lettras, dos hiſtoriadores que, como João de Barros, ſe moſtram verſados nas ſciencias phyſicas e coſmographicas, e attentos obſervadores dos phenomenos naturaes. Os grandes capitães, os homens de acção ſão notavelmente inſtruidos. Dois heroes das guerras indianas, dos que mais pura memoria deixaram de ſi, dois valentes entre os valen-

tes, Duarte Pacheco e D. João de Caſtro foram dois homens de ſciencia na mais larga, e mais genuina accepção da palavra. Atteſtam-o o *Eſmeraldo* e os *Roteiros*. Dos productos naturaes do Oriente dão-nos noticia o pobre Thomé Pires, que vae deſgraçadamente morrer á China, e Duarte Barboſa, que morre em Zebu de modo ainda mais deſgraçado, pois nem tem a conſolação de perder a vida ao ſerviço do ſeu paiz.

É uma notavel época, eſta da mocidade de Camões. Gil Vicente já não exiſte, mas vive na ſua obra, em que paſſa um tão valente e tão alegre ſopro popular, e na ſua filha Paula Vicente, a mais ſympathica figura de mulher da noſſa hiſtoria litteraria. Bernardim Ribeiro ainda fica de pé, reliquia da poeſia apaixonada e cavalheiroſa da geração paſſada. Ao lado d'elle, repreſenta a fórma nova, Sá de Miranda, eſpirito mais culto que elevado, mas que, com o ſeu admiravel bom ſenſo, ſuppre muitas vezes a mingua de genio. João de Barros, o inimitavel proſador, eſtá em todo o vigor do ſeu talento. Volta á patria Damião de Goes, o grande erudito, o mais europeu dos portuguezes de então. Parte para a India D. João de Caſtro, o illuſtrado auctor dos Roteiros, cuja fama ſe conſerva pura ao contacto das riquezas orientaes, que já começam a manchar as glorias portuguezas. Para a India parte tambem Garcia de Orta, obſervador minucioſo, com um eſpirito fino e ſceptico de verdadeiro naturaliſta. Em Coimbra profeſſa mathematica Pedro Nunes.

Tal era a atmoſphera intellectual em que na patria vivia Camões, não fallando no movimento que então revolvia a Europa, e ao qual não permanece eſtranho. Não é por certo ameſquinhar o ſeu illuſtre nome, rodeal-o d'eſtes nomes illuſtres tambem. É a boa ſorte dos grandes eſpiritos, o ſerem muitas vezes a ſyntheſe de grandes épocas.

De feito os *Lusiadas* são, como a synthese da cultura accumulada em Portugal durante um seculo. A decadencia está proxima. A riqueza do Oriente vae pouco a pouco delindo os peitos lusitanos, que tão fortes e puros se haviam conservado nas duras e pobres terras da Africa septentrional. No entanto o grande poder de Portugal ainda está de pé. O seu esplendor ainda deslumbra, mas as vilezas da hora presente obrigam já as almas elevadas a refugiarem-se na contemplação das passadas glorias. É este o momento psychologico unico, em que uma intelligencia da tempera da de Luiz de Camões podia conceber o plano da epopéa nacional.

N'essa epopéa vae incluir não só os feitos heroicos dos seus antepassados, mas as noções scientificas que se haviam obtido em cem annos de descobrimentos. E com razão porque faziam parte da gloria da patria. A astronomia e a geographia, a zoologia e a botanica, não a aprenderam os nossos só nos livros, ou no trato dos sabios da Europa; mas nas navegações rudes e nas terras barbaras; perdendo-se em baixos não descriptos; arremessados ás costas pelos erros dos instrumentos imperfeitos; comprando com o seu sangue os productos vegetaes, como ainda no tempo de Camões compravam o cravo. E esta sciencia do seu tempo, o poeta possuia-a toda. Não quero dizer que a conhecesse nos pequenos traços, que resolvesse um problema geometrico com a pericia de Pedro Nunes, ou classificasse uma droga com o seguro criterio de Garcia de Orta. Mas noções geraes, extensas e exactas possuia-as, e incluiu-as todas no seu livro. Indicou-as apenas, discretamente, com sobriedade, sem luxo de pesadas descripções, ou alarde de erudição, porque era primeiro que tudo poeta, e teve o mais seguro e mais fino sentimento litterario que jámais houve. Note-se por exemplo como elle caracterisou a vegetação, como na procedencia das especiarias orientaes os seus

traços ſão leves, fugitivos, mas tão rigoroſamente exactos, que a moderna geographia botanica nada tem a reprehender-lhe.

E vem aqui a propoſito dizer duas palavras de uma feição litteraria da ſua obra. Tem-ſe notado, quanto ſão raras no poema as deſcripções da natureza tropical. Notaram-o alguns como defeito ou tacha; notou-o Humboldt, ſem que por iſſo arguiſſe Camões. O ſabio naturaliſta allemão tinha demaſiado bom goſto para o fazer. Advirtiu-ſe, como explicação d'eſta falta, que ao poeta repugnaria o emprego, nas ſuas deſcripções, dos nomes barbaros das plantas exoticas. Accreſcentou-ſe, com razão, que devia evitar eſſes nomes, não tanto por ſerem barbaros, como por ſerem deſconhecidos, e não repreſentarem plantas familiares, cuja imagem nitida e clara ſe pintaſſe na mente do leitor.

Eſta explicação é exacta, mas a meu vêr incompleta. A verdade é, que o ſentimento intimo da natureza não o tiveram os grandes e viris artiſtas do ſeculo de Camões. Eſſe ſentimento, houve-o em outras épocas; exiſte em alto grau nas almas modernas, debeis e ſonhadoras, que ſe comprazem em contemplações um pouco morbidas, em longas deſcripções, na accumulação de traços ſubtis e minucioſos. Os artiſtas da renaſcença, robuſtos, inteiros, pouco complexos, não o conheceram; pelo menos os de raça latina. Na eſcola italiana, e n'aquellas a que mais directamente chegou a ſua influencia, não ha quaſi um paizagiſta. A repreſentação da figura humana domina a arte. Domina-a nas fórmas puras de Raphael, nos atrevidos eſcorços de Michel Angelo, nas ricas carnações do Corregio e do Ticiano. No fundo dos ſeus quadros eſſes poderoſos meſtres lançam por vezes paizagens admiraveis; mas ſacrificadas, ſubordinadas á figura do homem a que dão valor. Camões é d'eſta raça, e a ſua obra procede d'eſta eſthetica. O ſeu heroe, o perſo-

nagem que ſe agita na tela colloſſal dos *Luſiadas* é o homem. O homem com as ſuas paixões e os ſeus affectos, com a ſua altiva nobreza e as ſuas fraquezas vis, com a indomavel coragem dos peitos viris, e a ſuave doçura do coração feminino. Depois em traços rapidos eſboça uma paizagem de que ſe deſtaca a figura, como Velasques lança uma planicie apenas indicada aos pés dos ſeus ſoberbos retratos. É por iſſo que as ſcenas, não ſó da natureza dos tropicos, mas da natureza em geral, são tão raras na obra de Camões. Meſmo a verde floreſta da ilha dos Amores ſe povôa de nymphas, como n'um quadro do Albano. Pelo mar tem o poeta uma predilecção, que ſe explica n'um portuguez e n'um navegador. Ainda aſſim o intereſſe das ſuas ſcenas maritimas concentra-ſe nos marinheiros bocejantes e mal deſpertos, que ſe encoſtam pelas antennas, ou ſe agrupam ouvindo os caſos de guerra de Velloſo; e no meſtre cuja rija voz domina o aſſobio do vento pela enxarcia miuda. Camões é da grande eſcola hiſtorica. Arguil-o por não ſer um poeta descriptivo, ſeria uma critica tão injuſta e ſobre tudo tão pueril como arguir Michel Angelo por não ſer paizagiſta.

Se o poeta, pela indole do ſeu eſpirito e influencia da eſcola a que pertence, e ainda pela natureza da ſua obra, e fino tacto que o guiava, evita as longas deſcripções, e as peſadas diſſertações, eſpalha no entanto, com mão prodiga, os traços que o moſtram verſado na ſciencia contemporanea.

Reſtringindo-nos rigoroſamente aos que ſe referem ás ſciencias hiſtorico-naturaes, e, n'eſtas, ao conhecimento do mundo vegetal, vemos que o intereſſe ſe concentra nas plantas, que conſtituem a ſua flora real. Iſto é n'aquellas, que menciona nos ſucceſſos da ſua narrativa, localiſa em determinadas regiões, ou aponta como caracteriſticas de paizes particulares. Todas eſtas plantas per-

tencem á *Flora Tropical,* ſalvo uma ou duas que de paſſagem cita em deſcripções da Europa. É mui rica, quaſi completa eſta flora tropical do poema. Poucas ſão as plantas, celebres pelos ſeus productos, que Camões deixa de mencionar.

É maravilhoſo, na arte ſubtil das gradações, o modo porque prepara o leitor, para lhe fallar dos vegetaes exoticos, dos productos raros, das ſubſtancias myſterioſas d'eſſas afaſtadas terras do Oriente. Ao paſſo que, nas ficções poeticas, ſingelamente nomeia as plantas da Europa, cujas deſignações bem conhecidas evocam no eſpirito de todos, imagens nitidas e familiares; agora vae pouco a pouco levantando um veo, fazendo preſentir, adivinhar uma vegetação eſtranha e incognita.

O primeiro aſpecto da natureza tropical, das hervas novas, da floreſta virgem, não trilhada dos homens, apparece-nos na fórma vaga, indiſtincta de um ſonho—o de D. Manuel:

> Aves agreſtes, feras, e alimarias,
> Pelo monte ſelvatico habitavam:
> Mil arvores ſylveſtres, e hervas varias,
> O paſſo e o trato ás gentes atalhavam.
> Eſtas duras montanhas adverſarias,
> De mais converſação, por ſi moſtravam,
> Que desque Adão peccou aos noſſos annos,
> Não as romperam nunca pés humanos.
>
> Cant. IV, eſt. 70.

As phantaſticas figuras dos rios da India veem ornadas de plantas exoticas:

> D'ambos de dous a fonte coroada,
> Ramos não conhecidos, e hervas tinha:
>
> IV, 72.

Depois, entrando nos ſucceſſos reaes, dá-nos primeiro

pela bocca do mouro Monçaide uma rapida impreſſão das riquezas do Oriente:

> Sabei, que eſtais na India, onde ſe eſtende
> Diverſo povo, rico, e proſperado,
> De ouro luzente e fina pedraria,
> Cheiro ſuave, ardente eſpeciaria.
>
> VII, 31.

E quando o eſpirito eſtá aſſim preparado entra francamente na enumeração das eſpeciarias, ao deſcrever a partida de Calecut de Vasco da Gama:

> Leva pimenta ardente que comprara:
> A ſecca flor de Banda, não ficou,
> A noz, e o negro cravo que faz clara
> A nova ilha Maluco, co'a canella,
> Com que Ceylão he rica illuſtre e bella.
>
> IX, 14.

Remata o poema, pela eſplendida deſcripção geographica do canto decimo, talvez o mais bello, e ſeguramente aquelle em que Camões mais accentuou a feição ſcientifica da ſua obra. É de notar, que n'eſſe canto ſe não encontram deſcripções da natureza tropical, ou menções de plantas, tendo notaveis e bellas fórmas; mas unicamente uma relação de ricos productos e cuſtoſas eſpeciarias. É uma indicação ſcientifica e um traço hiſtorico—um traço das noſſas guerras indianas, que não podia eſcapar ao fino eſpirito do Poeta. De feito as glorias portuguezas andam ligadas ao trato das eſpeciarias. A pimenta levou os noſſos antepaſſados á India, e a canella levou-os a Ceylão. Pela poſſe do cravo de Maluco, ſuſtentaram guerras, obſervaram eclipſes, determinaram meridianos e debateram queſtões diplomaticas.

N'eſte caracter — ſeja-nos licita a expreſſão — puramente utilitario da ſua flora, o Poeta ainda reproduz

exactamente as noções e o modo de ver do ſeu tempo. O ponto de viſta puramente ſcientifico na obſervação dos ſeres da natureza é muito moderno. Os livros dos gregos—á parte talvez o de Theophraſto—não ſão obras de botanica, mas tratados de materia medica. Nos eſcriptos dos arabes, nos na edade média e nos da renaſcença conſerva-ſe o meſmo caracter. Os vegetaes attraiam a attenção unicamente pelos productos que forneciam ao homem. Eſpeciarias ardentes, perfumes ſubtis, madeiras precioſas, remedios poderoſos, antidotos ſoberanos, é o que os navegadores procuravam e os naturaliſtas deſcreviam. Garcia de Orta e Chriſtovão da Coſta, com ſerem eſpecialiſtas, não tratam em geral das plantas, mas excluſivamente dos ſimplices e drogas.

Camões, collocado n'eſte campo, tem das producções do Oriente um conhecimento completo e ſeguriſſimo. Onde o havia obtido? Em grande parte decerto nas obſervações directas que pôde fazer em ſuas longas viagens: na eſtada em Goa: na expedição ao eſtreito e ás ilhas alagadas do rei da Pimenta: na longa aſſiſtencia em Macau: na navagação a Malaca e ás Molucas: na ultima e tão triſte demora em Moçambique. Em parte o obteve pela leitura de Barros, como ſe torna patente da comparação do poema, com o livro do bem informado hiſtoriador. Seguramente ſe inſtruiu tambem na converſação do velho Garcia de Orta. É poſſivel que Camões, ſendo ainda creança, tiveſſe conhecido em Coimbra aquelle illuſtre medico; o certo é, que na India renovou ou travou com elle relações de boa amiſade e intimo trato. É o que ſe vê da ode que dirigiu ao conde de Redondo, então vice-rei da India, por occaſião de ſe imprimirem em Goa os *Colloquios*.

Com quanto eu fuja ás longas citações de verſos bem conhecidos, vem eſta ode tão de molde ao aſſumpto, que não poſſo deixar de a tranſcrever na integra:

Aquelle unico exemplo
De fortaleza heroica e oufadia,
Que mereceo no templo
Da Fama eterna ter perpétuo dia;
O grão filho de Thetis, que dez anos
Flagello foi dos miferos Troianos;

Não menos enfinado
Foi nas hervas e Medica policia,
Que deftro e coftumado
No foberbo exercicio da Milicia:
Affi que as mãos que a tantos morte derão,
Tambem a muitos vida dar poderão.

E não fe defprezou
Aquelle fero e indomito mancebo,
Das Artes qu'enfinou
Para o languido corpo o intonfo Phebo;
Que fe o temido Heitor matar podia,
Tambem chagas mortaes curar fabia.

Taes Artes aprendeo
Do femiviro Meftre e docto velho,
Onde tanto crefceo
Em virtude, e em fciencia e em confelho,
Que Telepho, por elle vulnerado,
Só delle pôde fer depois curado.

Pois vós, ó excellente
E illuftriffimo Conde, do Ceo dado
Para fazer prefente
D'altos Heroes o feculo paffado;
E em quem bem trafladada eftá a memoria
De voffos afcendentes a honra e gloria:

Postoque o penfamento
Occupado tenhais na guerra infefta,
Ou co'o fanguinolento
Taprobano, ou Achem, que o mar molefta,
Ou co'o Cambaico, occulto imigo nóffo;
Que qualquer d'elles teme o nome voffo:

Favorecei a antiga
Sciencia que já Achilles eſtimou;
Olhae que vos obriga
O vêr qu'em voſſo tempo rebentou
O fructo d'aquell'Orta onde florecem
Plantas novas, que os doctos não conhecem.

Olhae qu'em voſſos anos
Huma Orta produze varias hervas
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doctas e protervas,
Medéa e Circe, nunca conhecêrão,
Poſtoque a lei da Magica excedêrão,

E vêde carregado
D'annos e traz a vária experiencia
Hum velho, qu'enſinado
Das Gangeticas Muſas na ſciencia
Podaliria ſubtil, e arte ſylveſtre,
Vence ao velho Chiron, d'Achilles meſtre

O qual eſtá pedindo
Voſſo favor e amparo ao grão volume,
Qu'impreſſo á luz ſahindo,
Dará da Medicina um vivo lume;
E deſcobrir-noſ-ha ſegredos certos,
A todos os Antiguos encobertos.

Aſſi que não podeis
Negar a que vos pede benigna aura:
Que ſe muito valeis
Na ſanguinoſa guerra Turca e Maura,
Ajudae quem ajuda contra a morte;
E ſereis ſemelhante ao Grego forte.

É ſympathica eſta intervenção do Poeta que, em todo o vigor da edade e do genio, empenha o ſeu valimento, para que ſe deem á eſtampa, e ſe tornem conhecidas do mundo ſcientifico as obras d'aquelle velho, que era um dos primeiros naturaliſtas do ſeu tempo. Afigura-ſe-nos

que Camões, aborrecido ás vezes da companhia um pouco frivola dos jovens fidalgos, e não tendo entre mãos aventura ou desafio que o distraísse, procuraria a companhia do respeitavel medico, e escutaria ás palestras, talvez prolixas, d'aquelle espirito fino, que era tambem um grande erudito; que conhecia a fundo os gregos e os arabes, e os seus numerosos commentadores. Da bocca do experimentado homem de sciencia, receberia o poeta curiosa e boa lição sobre as *novas hervas* que Medéa e Circe não conheceram, e os *segredos certos* que aos antigos haviam sido *encobertos*. São estas copiosas noções, assim obtidas, e empregadas depois com inimitavel discripção, que nós encontramos espalhadas pelo poema, e examinaremos detidamente sob a epigraphe de *Flora Tropical*.

Antes porém, será necessario estudar uma diversa feição esthetica da grande obra de Camões, indagando quaes os aspectos da natureza em que procurou comparações, quaes as plantas que lhe serviram nos *similes* e ficções poeticas. Os vegetaes da patria que viviam na sua memoria saudosa, os diversos typos que vira nas suas dilatadas viagens, e os que encontrara descriptos nas suas vastas leituras, de antigos e modernos escriptores, forneciam-lhe variados elementos. Como aproveitou esses elementos, em que proporções os empregou na urdidura poetico-botanica da sua obra? É o que cumpre investigar. A descripção da ilha, chamada dos Amores, entra naturalmente n'esta secção: como porém a importancia d'este episodio é grande, e n'elle se inclue a mais longa, ou antes, a unica pintura longa da natureza vegetal, que nos depara o poema, convirá examinal-o á parte.

Distribue-se pois este trabalho naturalmente em tres distinctas secções, sob as epigraphes: *Flora Poetica*, *Ilha dos Amores*, *Flora Tropical*.

I

FLORA POETICA

Camões procura algumas vezes no reino vegetal comparações e figuras, ſem que no entanto ſe refira a plantas determinadas.

Por exemplo na paſſagem em que, deſcrevendo o tumulto levantado no conſelho dos deuſes, diz:

> Qual Auſtro fero, ou Boreas na eſpeſſura,
> De ſylveſtre arvoredo abaſtecida,
> Rompendo os ramos vão da mata eſcura,
> Com impeto e braveza deſmedida;
> Brama toda a montanha, o ſom murmura,
> Rompem-ſe as folhas, ferve a ſerra erguida:
> Tal andava o tumulto levantado,
> Entre os deoſes no Olympo conſagrado.
>
> I, 35.

Semelhante aſpecto da natureza pinta tambem, fallando da tempeſtade que aſſaltou as naus de Vaſco da Gama antes de chegarem á India:

Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçofas raizes não cuidaram
Que nunca para o ceo foffem viradas;
vi, 79.

Muito indirectamente diz refpeito ao reino vegetal um traço da narração da batalha de Ourique:

Bem como, quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos (affoprando
O fibilante Boreas) animada
Co'o vento, o fecco mato vae queimando:
iii, 49.

O Poeta de certo fe recordou, n'efta defcripção, das queimadas, que havia vifto nas charnecas da Beira e do Alemtejo, ou talvez nos campos de Ceuta e de Tetuão, onde arabes e kabylas ufam muito fazel-as.

A uma ordem de idéas e de fenfações, abfolutamente diverfa, pertencem as comparações ou imagens feguintes. As *hervinhas* a que Ignez de Caftro, tão graciofamente enfinava o nome querido, e os admiraveis verfos que a pintam morta:

Affi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lafcivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada;
iii, 134.

ou efte traço da defcripção de uma noite ferena:

As eftrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo reveftido de boninas.
i, 58.

Seria inutil e impertinente querer dar relevo, em um frio commentario, ás bellezas contidas n'eftes verfos, e patentes aos olhos de todos. Notemos apenas, com quanta fobriedade Camões fe referiu aos afpectos geraes da vegetação, e como as defcripções citadas, fobre ferem raras, fão curtas e condenfadas.

Não fão muito mais frequentes os verfos em que mencionou plantas efpeciaes; quer procuraffe na fua fórma comparações e imagens, quer as citaffe como reminifcencias claffícas, ou as fizeffe entrar na fua narração.

Vejamos primeiro como compõe as coroas ou capellas, que ornam os feus perfonagens. A planta mais vezes empregada é a palmeira. Se bem a *Phœnix dactylifera* L. feja oriunda da Africa, foi muito conhecida na região mediterranica d'efde os tempos mais remotos, e na peninfula adquiriu, depois da conquifta dos arabes, fóros de grande naturalifação. Demais as expreffões *palma da victoria,* ou do *martyrio*, já não fão figuras, fenão locuções correntes. A palma é o fymbolo do triumpho, como diz o Poeta:

...... trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.
II, 93.

Citarei apenas, entre muitas paffagens, onde a menciona, as duas feguintes:

A Dom Matheus, o bifpo de Lifboa,
Que a coroa de palma alli coroa.
VIII, 24.

e quando, referindo-fe a D. Affonfo de Albuquerque, diz:

Que gloriofas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando fem fombra vãa de medo, ou pejo,
Toma a ilha illuftriffima de Goa!

x, 42.

Uma ou outra vez, affocia á palma o louro,—o claffico e poetico *Laurus nobilis* L.—, por exemplo, quando falla de D. Affonfo v:

Na fronte a palma leva e o verde louro
Das victorias do barbaro,......

iv, 55.

E na tão fentida eftancia, em que fe queixa da ingratidão dos feus conterraneos, pede modeftamente para fi uma capella de louro:

E ainda, Nymphas minhas, não baftava
Que tamanhas miferias me cercaffem;
Senão que aquelles que eu cantando andava,
Tal premio de meus verfos me tornaffem:
A troco dos defcanfos que efperava,
Das capellas de louro que me honraffem,
Trabalhos nunca ufados me inventaram,
Com que em tão duro eftado me deitaram.

vii, 81.

Nas coroas academicas, conquiftadas em Coimbra, entra um novo elemento:

Quanto pode de Athenas defejar-fe,
Tudo o foberbo Apollo aqui referva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do fempre verde louro.

iii, 97.

O baccharo é uma planta da região mediterranica, o

Gnaphalium ſanguineum L. Camões porém, que provavelmente não conhecia a planta, cita-a como reminiſcencia claſſica. De feito o baccharo era uſualmente empregado pelos Romanos na formação das capellas. Plinio deſcrevendo as regras ſeveras que preſidiam á compoſição das coroas, e ao direito de as trazer, menciona em um dos primeiros logares o *bacchar*[1].

Não podem eſquecer as grinaldas com que Venus mandou ornar, ou armar as nymphas, para mais ſeguramente ſeduzirem os ventos e abrandarem a ſua furia:

> Em quanto manda as nymphas amoroſas,
> Grinaldas nas cabeças pôr de roſas.
>
> VI, 86.

De que eſpecie de *Roſa* ſe trata aqui? Decerto que em tal não penſou Camões. Admittamos, ſem ocioſas inveſtigações, que é da *Roſa centifolia* L., eſpecie cultivada deſde tempos remotos, e que parece ter ſido cantada já por Homero e Theocrito.

Examinaremos agora o pequeno numero de comparações ou figuras buſcadas no reino vegetal. Em algumas paſſagens, a menção da planta vem como incidente, por exemplo:

> Qual o touro cioſo, que ſe enſaia
> Para a crua peleja, os cornos tenta
> No tronco d'hum carvalho, ou alta faia,
>
> X. 34.

Á figura procurada no animal furioſo, junta-ſe occaſionalmente a citação de duas arvores de groſſos e ro-

[1] Cf. Plinio. *Hiſt. nat.* XXI, 16. II, pag. 46, ed. Littré.

buſtos troncos, que devem ſer a eſpecie *Quercus robur* L., e a *Populus alba* L., a que vulgarmente ſe chama *faia;* apeſar de que Camões, em outra parte a cita pelo nome de *alemo,* tambem vulgar.

Nas bem conhecidas eſtancias do começo do canto nono, o Poeta, queixando-ſe dos que não deixam penetrar a verdade nos paços reaes, refere-ſe a um proceſſo de cultura do *Triticum vulgare:*

> Vendem adulação, que mal conſente
> Mondar-ſe o novo trigo florecente.
>
> IX, 27.

De indole mais branda e ſuave ſão as citações que temos a fazer. Uma comparação de Venus com a roſa:

> ...... E n'iſto de mimoſa,
> O roſto banha em lagrimas ardentes,
> Como co'o orvalho fica a freſca roſa:
>
> II, 41.

e outro traço bem conhecido da ſua deſcripção:

> Pelas liſas columnas lhe trepavam
> Deſejos, que como hera ſe enrolavam.
>
> II, 36.

É tão gracioſamente atrevida eſta imagem, que muito contra vontade d'ella fallo, na fria linguagem ſcientifica, dizendo que a *Hedera Helix* L. é planta vulgariſſima e conhecida de todos os antigos poetas.

Mais delicadamente ainda ſe deve fallar dos lirios roxos, dos delicados *Iris*, da eſtancia ſeguinte:

> Porem nem tudo eſconde, nem deſcobre
> O veo, dos roxos lirios pouco avaro:
>
> II, 37.

A par d'eftas, encontramos algumas plantas, que o Camões menciona como fimples reminifcencia claffica e mythologica. Affim no palacio fubmarino, onde eftão reprefentados os elementos, e entre elles a terra:

> Eftava a Terra em montes reveftida
> De verdes hervas, e arvores floridas,
> Dando pafto diverfo e dando vida
> Ás alimarias n'ella produzidas.
> VI, 12.

eftá tambem figurado o famofo certame de Neptuno em que os homens:

> Delle o cavallo houveram, e a primeira
> De Minerva pacifica oliveira.
> VI, 13.

A oliveira, a vulgar *Olea Européa* L., com fer planta tão portugueza, fó vem mencionada n'efte verfo; e aqui entra como um ornato proprio do palacio de Neptuno, o qual generofamente não duvidava recordar a contenda, em que, fegundo a opinião geral, fôra vencido. Refere-fe pois o noffo Poeta ao dom de Minerva,

> ...... *oleae que Minerva*
> *Inventrix:* ....
> Virg. Georg. I.

que creara effe famofo pé, o qual ainda no tempo de Plinio fe dizia exiftir. *Athenis quoque olea durare traditur in certamine edita à Minerva*[1].

[1] Cf. Plinio. *Hift. nat.* XVI, 89. I. pag. 605.

Affim tambem quando Camões, a propofito das conquiftas de Affonfo v no norte da Africa, diz:

Efte pode colher as macãas de ouro,
Que fomente o Tyrinthio colher pode:
iv, 55.

refere-fe aos pomos roubados por Hercules, como conta Ovidio:

Pomaque ab infomni non cuftodita Dracone.
Metam. ix.

ou obtidos do velho Atlas, como mais detidamente relata Pherecydes. O jardim das Hefperides foi quafi fempre collocado n'effe extremo norte da Africa, que os portuguezes fubjugaram. Podemos notar de paffagem, que, fe o fundo da tradição fe refere a alguma planta real, não deve fer, como geralmente fe julga, á laranjeira, pois efta arvore é oriunda de regiões muito afaftadas.

Reminifcencia mythologica é ainda uma referencia á bem conhecida aventura do pefcador Glauco:

O Deos, que foi n'um tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderofa
Foi convertido em peixe,......
vi, 24.

e egualmente a defcripção da barba de Tritão, feita de limos *prenhes de agua,* que lembra a *rorantia barba* de Ovidio: o thyrfo frondente de Baccho duas vezes citado: e ainda o corno de Amalthea, envolvido na enredada menção da primavera dos feguintes verfos:

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea;

Quando um e o outro corno lhe aquentava;
E Flora derramava o de Amalthea.
II, 72.

Vem aqui a propofito mencionar os traços, mythologicos na fórma mas reaes na effencia, com que o Poeta efboça rapidamente, porém com mão fegura, algumas feições da natureza de Portugal.

O primeiro caracterifa a provincia do Alemtejo, já então conhecida pela abundante producção do trigo:

E vós tãobem, ó terras Tranftaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres.
III, 62.

O fegundo define a época, em que foi pelejada a batalha de Aljubarrota, pelo fim do verão, quando fe recolhem os fructos do trigo, e os da vinha:

Era no fecco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Aftrea o fol, no mez de Agofto;
Baccho das uvas tira o doce mofto.
IV, 27.

Em refumo, a flora poetica reduz-fe a muito pouco. Onze plantas dos generos *Phœnix, Laurus, Gnaphalium, Rofa, Quercus, Populus, Triticum, Hedera, Iris, Olea e Vitis*, fão as que encontramos mencionadas, de modo que as poffamos identificar com fegurança.

O primeiro reparo que fe offerece fazer, é fobre a vulgaridade d'eftas plantas. São todas indigenas de Portugal, ou ahi cultivadas com frequencia. O Poeta não bufcou uma unica comparação na flora oriental. Não que a defconheceffe, como depois veremos. Sem admittirmos que havia examinado meudamente a vegetação

da India e da China, é de crer, no entanto, que as grandes folhas das *Mufas,* os elegantes caules dos *Cocos,* e das *Arecas,* as vaftas copas dos *Ficus*, houveffem attraido a fua attenção. Mas de induftria fó fe ferve, nas fuas figuras, de plantas que fendo-lhe familiares, fejam tambem familiares aos feus leitores. Quer pintar com effas imagens, e pinta com o nome da *rofa,* do *carvalho* e do *lirio,* que fufcitam na mente do leitor a reprefentação viva de uma planta conhecida. Não fei fe n'efta efcolha teve fempre pleno conhecimento do que fazia, ou fe o ferviu um tacto inconfciente, uma efpecie de inftincto litterario, que mais feguramente guia os grandes efcriptores, do que as regras longamente penfadas, e logicamente deduzidas.

Admittindo porém, que deliberadamente reftringiffe as fuas citações ás plantas vulgares, é de notar que mefmo n'efte campo, ainda largo, fe ferviu do reino vegetal com muita parcimonia. Ainda aqui não ha ignorancia ou pouca attenção preftada ás flores e plantas da patria. Nas *Rimas* as menções e defcripções de flores abundam[1]. Ha particularmente na *Elegia* VII um curiofo e completo quadro da flora, que podemos chamar claffica portugueza. A vegetação dos antigos jardins, as flores populares com as fuas fignificações tradicionaes, que ainda encontramos em alguns quintaes de provincia, não invadidos pelas modernas introducções da horticultura, vem ahi defcriptas mui fielmente.

Se pois não as fez entrar mais largamente nos *Lufiadas,* foi porque a indole pouco defcriptiva do feu efpi-

---

[1] Penfei a principio em fazer a Flora geral de Camões. Julguei depois que o exame das *Rimas,* tiraria a unidade ao prefente enfaio. Talvez mais tarde, em trabalho efpecial que firva de appendice a efte, eftude as reftantes poefias.

rito e da ſua eſcola, e ſobre iſſo, a natureza heroica da ſua obra lh'o vedavam. Da ſobriedade com que uſa d'eſtes meios poeticos, reſulta em parte o ſeu effeito. As notas ſentidas ou alegres da narrativa da morte de D. Ignez Caſtro, e do retrato de Venus, deſtacam-ſe do tom elevado e ſevero da obra, com tanto mais brilho, quanto ſão mais raras.

II

A ILHA DOS AMORES

Tem ſido muito controvertida, e nem ſempre com fe·licidade, a ſituação geographica da famoſa ilha. Ha n'eſta queſtão duas partes diſtinctas: uma que ſe refere propriamente á ſituação da ilha, iſto é, á ſua collocação n'um ou n'outro ponto do oceano: a outra que diz reſpeito á ſua natureza, ou antes á ſua identificação com uma *terra real*.

A primeira não nos intereſſa directamente n'eſte eſtudo, nem tem, a meu vêr, um grande intereſſe geral. Qualquer que foſſe a origem da graciofiſſima ficção de Camões, a ſua collocação permanecia arbitraria. Quer ſe inſpiraſſe nas deſcripções de mais antigos poetas,— e os nomes de Homero, Poliziano e Arioſto, teem ſido muitas vezes pronunciados a propoſito d'eſte epiſodio,— quer ſe recordaſſe d'eſſas myſteriofas terras, por exemplo, da *ilha das mulheres,* que a edade média collocava no Atlantico, e que deſalojadas pelos deſcobrimentos,

fucceffivamente fe foram refugiando em recantos não navegados do oceano; o certo é, que Camões conferva-va abfoluta liberdade na fituação a efcolher, para aquella poetica terra aparelhada por Venus.

Sobre efte ponto unicamente direi que, fem adoptar todas as razões—algumas bem fingulares—que determinaram Faria e Soufa a collocar a ilha nos mares do Oriente; fem infiftir fobre os motivos plaufiveis, que em favor da mefma opinião adduziu Jofé Gomes Monteiro; e fem difcutir o famofo verfo, e a não menos famofa *dieréfe,* me parece em geral acceitavel efta interpretação das paffagens do poema, e muito mais fegura que a do morgado de Mattheus e de outros, que tranfportaram a ilha para o Atlantico.

Refta-nos agora examinar fe o Poeta collocou ali uma pura ficção, ou alludiu a uma *terra real.* E cumpre-nos fazer effe exame, porque a *vegetação* da ilha, e fó ella, nos pode levar a uma conclufão fegura.

Parece que, logo depois da publicação do poema, fe começaram a edificar hypothefes, mais ou menos plaufiveis, fobre a natureza da ilha, pois Manuel Correia, nos feus commentarios, já nos diz que alguns a procuraram em Santa Helena. O honefto licenciado não acceita porém efta opinião, e depois de a mencionar accrefcenta, com boa critica de que nem fempre é prodigo: «mas enganam-fe, porque foi um fingimento que o poeta aqui fez, como claramente confta da lettra.»

O erudito Faria e Soufa tentou mais tarde localifar o epifodio na ilha de Anchediva, e foi procurar a hiftoria dos barcos cobertos de rama, com que o pirata Timoja quiz ahi atacar os noffos, como conta João de Barros. Efta verdura, ou balfa fluctuante, teria fufcitado na mente de Camões a primeira idéa da fua ilha, fluctuante tambem. Com efta hiftoria enreda o commentador o cafo fuccedido nas bodas que, muito tempo depois, Affonfo

de Albuquerque ordenou em Goa, e onde ſe deram confuſões e trocas—por certo pouco agradaveis—entre noivos e noivas. N'eſtas uniões, um tanto fortuitas entre os ſoldados portuguezes e as moças indianas, encontra outra origem da ficção. É tanto mais ſingular eſte infeliz eſforço do fecundo eſcriptor, para eſcorar a ſua hypotheſe que mal ſe tem de pé, quanto depois parece eſquecer-ſe completamente de Anchediva, e, nas notas á eſtancia 54 e ſeguintes do canto IX, reconhece a natureza claſſica da deſcripção, accumulando as citações de modernos e antigos poetas que a demonſtram. De modo que—na opinião de Faria e Souſa—Camões teria collocado a ilha dos Amores em Anchediva, e depois não teria conſervado, na deſcripção, nem um ſó traço de Anchediva, ou da natureza tropical; o que é de todo o ponto inadmiſſivel.

Em uma carta, já citada, muito bem eſcripta, e contendo na parte excluſivamente litteraria apreciações juſtas e novas, Joſé Gomes Monteiro eſtudou modernamente eſta queſtão. Fez alguns reparos á paſſagem do *Koſmos,* em que Humboldt com razão notara a feição mediterranica da ilha, e quiz dar uma lição de *geographia botanica* ao illuſtre fundador d'eſta ſciencia. A tentativa foi infeliciſſima, como era natural. O auctor da carta, muito eſtimavel erudito, não ſabia botanica, e muito menos geographia botanica. Ninguem lh'o pode levar a mal; mas eſta lacuna nos ſeus conhecimentos, conduziu-o ao mais ſingular reſultado.

Não ſó quiz localiſar a ilha em Zanzibar, como julgou encontrar na deſcripção dos *Luſiadas* os traços da vegetação d'aquelle paiz. Para fazer concordar duas coiſas tão diverſas, como ſão a natureza puramente européa, deſcripta por Camões, e a natureza puramente tropical da coſta africana deu tratos á imaginação. Foi procurar as auctoridades do biſpo Oſorio, de Damião de

Goes, de Fr. João dos Santos, de Botelho e de varios outros; e conftruiu uma Flora de Zanzibar de phantafia. As auctoridades citadas, valiofas em queftões hiftoricas ou litterarias, podem ter valor nas queftões fcientificas, quando fejam cuidadofamente criticadas, e comparadas com as noções modernas. Defajudadas porém d'efta elucidação, em certos cafos muito difficil de fazer, não tem valor de efpecie alguma. Nada ha mais problematico, do que faber a que arvore o auctor do *Roteiro de Vafco da Gama* chamaria um ulmeiro, e o mefmo fe pode objectar ás outras citações[1]. Não quer ifto dizer, que não exiftam na cofta africana, algumas das plantas de que falla Camões. As efpecies do genero *Citrus*, por exemplo, originarias do Oriente, muito conhecidas dos arabes, e por elles efpalhadas em todas as regiões que dominaram, profperam nas terras orientaes da Africa. O que deftroe a hypothefe de Monteiro, não é a exiftencia ou a falta de uma ou outra planta, é o conjuncto de todas, é o typo da vegetação, admiravelmente fixado pelo Poeta. Suppor que Camões, tão fcientificamente exacto nas fuas affirmações, caracterifou a flora de Zanzibar com ulmeiros e murta, açucenas e mangerona fó pode provir da falta de conhecimentos hiftorico-naturaes. Efta tentativa é pois a meu ver, ainda mais infeliz que as

[1] Entre as auctoridades citadas figura a de um botanico illuftre, Richard, em apoio da afferção que o Myrto propriamente dito crefce nos tropicos. O cafo era grave para o pobre Richard. Tirando porém a limpo a fua affirmação vê-fe que é correcta; mas que Monteiro não a percebeu bem. Richard diz que as *Myrteas* fão tropicaes, e entre os generos cita o *Myrtus*. Não podia dizer mais em uns *Elementos*. A verdade é, que as numerofas efpecies do genero *Myrtus* fão tropicaes, excepto *uma*. Mas effa, é exactamente a planta confagrada a Venus, o myrto propriamente dito, do ful da Europa, e do qual fallou Camões. De modo que a unica auctoridade botanica citada na *Carta*, foi mal interpretada.

precedentes. Taes foram as principaes opiniões, que vogaram ſobre a localiſação da ficção poetica do canto IX dos *Luſiadas* em alguma das ilhas dos mares orientaes[1], e que difficilmente reſiſtem ao exame.

Procuremos agora o que era eſſa ilha, que Venus e a phantaſia do Poeta levaram fluctuando ao encontro dos navegadores, e vejamos ſe pode reſtar duvida ſobre a ſua natureza. A vegetação da ilha vem deſcripta nas ſeguintes eſtancias do canto IX:

54

Tres formoſos outeiros ſe moſtravam
Erguidos com ſoberba gracioſa,
Que de gramineo eſmalte ſe adornavam
Na formoſa ilha alegre e deleitoſa:
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçoſa:
Por entre pedras alvas ſe deriva
A ſonoroſa lympha fugitiva.

55

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-ſe,
Onde huma meſa fazem, que ſe eſtende
Tão bella, quanto pode imaginar-ſe:
Arvoredo gentil ſobre ella pende,
Como que pronto eſtá para affeitar-ſe,
Vendo-ſe no cryſtal reſplandecente,
Que em ſi o eſtá pintando propriamente.

---

[1] Cf.—*Os Luſiadas*, etc., comm. pelo licenciado Manuel Corrêa, 248 e ſeguintes.—*Luſiadas*, etc., comm. por Manuel de Faria i Souſa, IV, 30, 135 e ſeguintes.—Barros, I *Decada*, IV, 11, e II *Decada*, V, 11.—Humboldt, *Coſmos*, II, 67, tr. franc. 1855.—Joſé Gomes Monteiro, *Carta ao Ill.mo Snr. Thomaz Norton*, etc. Porto, 1849.

56

Mil arvores eſtão ao ceo ſubindo,
Com pomos odoriferos e bellos:
A larangeira tem no fructo lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos;
Encoſta-ſe no chão, que eſtá cahindo
A cidreira co'os peſos amarellos;
Os formoſos limões, alli cheirando
Eſtão virgineas tetas imitando.

57

As arvores agreſtes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos ſão de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados e queridos:
Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos;
Eſtá apontando o agudo cypariſo
Para onde é poſto o ethereo paraiſo.

58

Os dons que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos ſabores,
Sem ter neceſſidade de cultura,
Que ſem ella ſe dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo que da patria Perſia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

59

Abre a romãa, moſtrando a rubicunda
Côr, com que tu rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro eſtá a jucunda
Vide, c'huns cachos roxos e outros verdes:

E vós ſe na voſſa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno que co'os bicos
Em vós fazem os paſſaros inicos.

60

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que ſe cobre o ruſtico terreno,
Faz ſer a de Achemenia menos dina,
Mas o ſombrio valle mais ameno,
Alli a cabeça a flor Cephiſia inclina
Sobolo tanque lucido e ſereno;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deoſa Paphia, inda ſuſpiras.

61

Para julgar difficil couſa fora.
No ceo vendo, e na terra as meſmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou ſe lha dão a ella as bellas flores.
Pintando eſtava alli Zephyro e Flora
As violas, da côr dos amadores;
O lirio roxo, a freſca roſa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

62

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona;
Vem-ſe as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona;
Bem ſe enxerga nos pomos e boninas,
Que competia Chloris com Pomona:
Pois ſe as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

Accreſcentemos ainda um verſo do canto x em que

vem citada uma planta pertencente á flora da ilha, e não mencionada aqui:

> .... e defpertava
> Os lirios e jafmins que a calma aggrava.
> x, 1.

É neceffario agora fazer uma enumeração rapida d'eftas plantas:

—A laranjeira, *Citrus Aurantium* L., é uma efpecie particular, ou uma fimples variedade cultural do *Citrus Bigaradia* de fructos amargofos. Julga-fe originaria do extremo Oriente, talvez da China. Não foi conhecida na antiguidade, nem na edade média, e fuppoz-fe mefmo que havia fido introduzida na Europa pelos portuguezes, depois de fuas viagens. Gallefio porém encontrou provas numerofas da fua frequente cultura na Hefpanha e Italia logo no começo do XVI feculo, o que denota uma introducção mais antiga.

—A cidreira, *Citrus medica* Gallefio, foi ao que parece a unica efpecie d'efte genero conhecida dos antigos povos da Europa. Theophrafto já a menciona fob o nome de *μῆλον μηδικόν*, que indica a fua procedencia da Média.

—O limoeiro, *Citrus Limonum* Riffo, foi conhecido defde os tempos mais antigos na India. Do feu nome fanfkrito *nimbuka*, procede o arabe *limun*, e as defignações vulgares. A fua introducção na Europa parece fer devida aos arabes, e aos cruzados, e ter tido logar depois do x feculo.

—A cerejeira, *Cerafus avium* L., efpontanea na Europa média e auftral, e Africa boreal; é o κέρασος de Theophrafto.

——O pecegueiro, *Perſica vulgaris* Mill., ſuppõe-ſe ſer indigena do Oriente. É certo porém, que os antigos o conheceram, e que a ſua cultura ſe eſpalhou pela via da Perſia, d'onde lhe veiu o nome; é o μηλέα περσική de Theophraſto.

——A amoreira, *Morus nigra* L.: a eſta e não á branca ſe refere Camões, como ſe vê da alluſão aos amores que lhe deram a côr, juntamente com o nome. É originaria das vertentes do Caucaſo e região do Caſpio. Parece ſer a arvore a que Theophraſto chama συκάμινον.

——A romeira, *Punica granatum* L., é indigena, como o ſeu nome indica, da Africa do norte, ou talvez da Paleſtina, d'onde os phenicios a trouxeram para a ſua colonia de Carthago. É já citada por Homero ſob o nome de ῥοά ou ῥοιά.

——A pereira, *Pyrus communis* L., é eſpontanea em toda a Europa temperada. A pera ὄχνη, já vem mencionada nos verſos de Homero e de Theocrito.

——A vide, *Vitis vinifera* L., é eſpontanea em toda a região do Caucaſo, e na Armenia, e ſob o nome de αμπελος é citada pelos mais antigos poetas.

——O alemo, *Populus alba* L., é planta eſpontanea em toda a região mediterranica; é o λεύκη de Theocrito e o αχερωίσ de Homero.

——O loureiro, *Laurus nobilis* L., é a uuica Lauracea indigena da Europa; o δαφνη, celebrado por todos os poetas antigos.

——O myrto, *Myrtus communis* L., é egualmente a unica Myrtacea eſpontanea na Europa: é o μύρτος o Theocrito e de varios outros poetas.

——O ulmeiro, *Ulmus campeſtris* L., eſpontaneo na noſſa região; é o πτελέα de Heſiodo, Homero e Theocrito.

——O pinheiro, *Pinus Pinea* L. Provavelmente a efta efpecie fe referiu Camões, pois é a mais bella das duas vulgares em Portugal; é o πιτυς de Homero.

——O ciprefte, *Cupreffus fempervirens* L., efpecie vulgar, mencionada com os nomes de κυπάριττος e κυπάρισσος por Homero e Theocrito.

——A flor cephilia, o ναρκισσος e *narciffus* de todos os poetas, tem-fe geralmente identificado com o *N. poeticus* L.; n'efte cafo porém, pella allufão evidente a Ovidio, deve referir-fe a uma das efpecies de coronete amarello, talvez ao *N. Tazetta* L.

——O filho de Cinyras é o *Adonis autumnalis* L., o αργεμωνη de Dioscorides, planta vulgariffima em Portugal, onde tem o nome de *beijinhos*, talvez por alguma reminifcencia claffica, inconfcientemente confervada.

——A viola. Lembra naturalmente identificar efta planta com a *Viola odorata* L., o ιον de Theocrito e de Homero. Porém a referencia a côr dos amadores, que é pallida, moftra-nos que fe trata do λευκόϊον de Theocrito, a *viola alba* de Plinio; ifto é, de uma planta muito diverfa, que fe julga fer a *Matthiola incana* R. Br., e é vulgar na noffa região.

——O lirio roxo, é alguma das efpecies de *Iris*, conhecidas dos antigos, ou a *Iris fubbiflora* Brotero, a mais bella das efpecies portuguezas de perianthо roxo.

——A rofa é a *Rofa centifolia* L., conhecida e celebrada por todos os antigos poetas.

——A cecem, *Lilium candidum* L., julga-fe originaria da Syria e Paleftina, d'onde fua cultura fe efpalhou pela Europa; é o κρίνον de Theocrito. O nome

portuguez cecem, vem do arabe *ſuſen*, que ſe prende ao hebraico já mencionado no Cantico dos Canticos. Da meſma origem vem a deſignação, hoje mais uſada, de açucena, pela addição do artigo, que ſegundo a conhecida regra muda o *l* em *s*, *as-ſuſen*.

——A mangerona, *Origanum Majorana* L., eſpontanea na Africa do norte e Aſia média, cultivada em toda a Europa auſtral; é o αμαρακον de Theophraſto.

——A flor Hiacinthina, na qual ſe liam as lettras α ι, que ſão uma exclamação ſentida pela morte de Hiacintho, ou as duas primeiras do nome de Ajax; ſuppõe-ſe ſer o *Gladiolus ſegetum* Gawl., muito vulgar entre nós.

——O jaſmin deve ſer o *Jaſminum fruticaus* L., eſpontaneo em Portugal.

Em reſumo, das vinte e quatro plantas de que, na deſcripção de Camões, ſe compõe a flora da ilha, não ha *uma* que não ſeja eſpontanea em Portugal e regiões viſinhas, ou ahi introduzida e cultivada já antes do ſeu tempo. Ainda mais, ſão todas eſcolhidas entre as vulgares, e que dão o cunho á vegetação mediterranica. As citações de nomes gregos, que expreſſamente procurei, não ſó nos livros botanicos, mas nos poetas e entre eſtes nos mais antigos, põe em evidencia o typo claſſico d'eſta Flora[1].

---

[1] Cf.—A. De Candolle, *Géographie Botanique,* 810 e ſeguintes.—Griſebach, *La végétation du globe,* I, 339 e ſeguintes.—Galleſio, *Traité du Citrus.*—Wimmer, *Theophraſti opera* in indice, 1866.—Sprengel, Comment. in *Dioſcorid.* II, 339 et ſeq.—Plinio, *Hiſtoria Nat.* ed. Littré.—Fraas, *Synopſis Plantarum Florae Claſſicae.*—Fée, *Flore de Théocrite.*—Miquel, *Homeriſche Flora.*

O quadro é completo e perfeito. Eftamos na região do mar interior, que inclue no extremo occidental Portugal e a Hefpanha, abraça a Italia, envolve a Grecia, e as coftas da Syria e vem de novo fechar ao occidente na Africa do norte. Eftamos no berço das civilifações; na patria dos grandes poetas, de Camões e de Virgilio, de Homero e de Theocrito.

Os materiaes botanicos, com que Camões edifica a vegetação da fua ilha, fão effencialmente portuguezes; encontrou-os, quando eftudante, nas hortas das margens do Mondego; obfervou-os, quando defterrado, nas lezirias do Tejo; porventura lh'os depararam, fóra da patria, os jardins de algum fertil valle dos arredores de Ceuta ou de Tetuão.

Ás recordações da fua terra natal, junta-fe porém, como vimos, outro importantiffimo elemento. A flora da ilha é ainda mais claffica que lufitanica. Procede mais da leitura dos poetas que da obfervação da natureza. É certo mefmo que Camões não identificava algumas das fuas plantas, com as efpecies reaes, nem fabia fe habitavam no feu paiz; citava-as como pura reminifcencia das fuas vaftas leituras.

Efta feição claffica e mythologica conhece-fe nas plantas citadas, e ainda mais no modo de as citar. Falla-nos Camões dos alemos de Alcides, como Theocrito:

> Κρατί δ'έχων λευκάν Ηρακλέος ιερόν έρνος
> Εἰδ. II, 121.

e depois Virgilio:

> ......, *Herculeaeque arbos umbrofa coronae*
> Georg. II.

Grupa effes alemos com o loureiro de Apollo e a murta de Venus, ainda como Virgilio:

Populus Alcidae gratiſſima, vitis Iaccho,
Formoſae myrtus Veneri, ſua laurea Phaebo.
Ecl. VII.

Os pinheiros e os cypreſtes, de que trata, ſão os da fabula:

...... hirſutaque vertice pinus
Grata Deum matri, ſiquidem Cybeleius Atys
Exuit ac hominem, truncoque induruit illo.
Affuit huic turbae metas imitata Cupreſſus,
Nunc arbor, puer antè Deo dilectus ab illo,
Qui citharam nervis, et nervis temperat arcum.
Ovid. Metam. X.

Os fructos, da côr dos cabellos de Daphne, lembram os pomos doirados que fizeram perder a Atalanta o premio da carreira:

Tum canit Heſperidum miratam mala puellam:
Virg. Egl. VI.

As amoras, ſão as que tingiu o ſangue dos dois amantes:

...... madefactaque ſanguine radix
Purpureo tinxit pendentia mora colore.
Ovid. Metam. IV.

As proprias aſſociações de plantas, ſão claſſicas. A vide que deſcanſa entre os braços do ulmeiro, ſe lembra uma freſca ſebe de Portugal, lembra tambem os verſos de Virgilio:

...... Ulmiſque adjungere vites
Conveniat: ......
Georg. I.

Sob eſſes claſſicos arvoredos, encontramos flores não menos claſſicas; o amante de Echo:

Nusquam corpus erat croceum pro corpore florem
Inveniunt foliis medium cingentibus albis.
Ovid. Met. III.

o filho dos inceſtuoſos amores de Mirrha, o dilecto de Venus, convertido em flor, tinta no ſangue que derramara o javali:

...... *cum flos de ſanguine concolor ortus.*
Ovid. Met. X.

as famoſas lettras Hiacinthinas de dupla ſignificação:

Littera communiis mediis pueroque, viroque
Inſcripta eſt foliis: haec nominis, illa querelae.
Ovid. Met. XIII.

ou ainda a viola, da pallida côr dos amantes:

Nec tinctus viola pallor amantium,
Horat. III, od. 10.

Sem mais proſeguir em conhecidas citações, vê-ſe que eſtamos n'um paiz claſſico, onde, como compete a uma ilha de Venus, ſe conſervam vivas as recordações de Hercules e de Apollo, de Adonis e de Narciſſo, de Atys e de Hiacintho.

O Poeta por um gracioſo efforço de imaginação, toma uma ilha mythologica, com todos os ſeus caracteres, e tranſporta a das temperadas regiões do Mediterraneo, —da patria da velha poeſia,—para os mares do Oriente. Falſeia premeditadamente todas as regras da geographia botanica, e colloca ſob o ſol ardente dos tropicos flores que ahi murchariam em horas. Logo veremos, ſe commette erros d'eſta ordem quando falla das plantas reaes.

Querer encontrar na deſcripção de Camões os traços

da vegètação de Zanzibar, é fechar os olhos á evidencia. Querer localifar a ilha em Santa Helena ou Anchediva é amefquinhar a ficção. A fua verdadeira fituação geographica é na phantafia do poeta: e não eftá mal collocada.

Refta a queftão da *côr local*. Eu por mim fó direi, que a ficção de Camões, por inverofimil que feja, me apraz mais que a pintura de alguma ilha femi-real, em que uma Thetis de côr baça pafleafle fob os palmares, ou á fombra das bananeiras.

III

FLORA TROPICAL

É eſta — ſob o noſſo ponto de viſta — a parte mais intereſſante do poema, e requer ſer tratada de modo um pouco diverſo do que ſeguimos nas precedentes ſecções.

De feito, pareceu-me util, não ſó identificar com as eſpecies hoje deſcriptas, e ſcientificamente conhecidas, todas as plantas, ou productos vegetaes nomeados por Camões, como dar uma breve noticia dos conhecimentos, obtidos de cada um antes do ſeu tempo, ou correntes entre os ſeus contemporaneos. Só aſſim ſe poderá julgar do rigor e extenſão das ſuas noções; avaliando ao meſmo tempo, qual fôra a influencia das viagens portuguezas ſobre o progreſſo das ſciencias naturaes. Para grupar eſſas noticias com clareza, foi neceſſario dedicar a cada planta um paragrapho eſpecial.

Heſitei a principio na ordem a adoptar, e como todas me pareceſſem arbitrarias, decidi ſeguir paſſo a paſſo as eſtancias do canto x, onde ſe encontram grupadas, quaſi

todas as paſſagens, botanicamente intereſſantes, do poema; voltando occaſionalmente e a propoſito de productos ſimilares, ou regiões viſinhas a algumas menções, diſperſas pelos cantos precedentes.

Eſta ſecção tem pois o caracter de notas botanicas ao referido canto.

Alli Cafres ſelvagens poderão
O que deſtros imigos não puderam;
E rudos páos toſtados ſós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
x, 38.

Todos ſabem, que os paus aguçados e endurecidos ao fogo, ſão uma das mais primitivas armas de que uſaram e ainda uſam as populações ſelvagens. E eſte rude armamento dos africanos, de que Barros faz tambem menção, a propoſito do meſmo deſgraçado ſucceſſo na aguada do Saldanha, lembra-nos a paſſagem em que Herodoto, vinte ſeculos antes, deſcrevia egualmente os africanos, que formavam um dos contingentes do coloſſal exercito de Xerxes, como armados de lanças de madeira, aguçadas e toſtadas [1].

A propoſito d'eſta mui remota referencia a productos vegetaes da Africa, unica que ſe encontra no canto x, gruparei o pouco que ſe diz nos outros cantos.

A região occidental da Africa é paſſada quaſi em ſilencio. Uma menção do arvoredo da Madeira, e uma breve indicação da eſterilidade do Sahara, é tudo quanto nos depara o poema. E não admira; porque tanto Camões, como o ſeu heroe Vaſco da Gama, por ali ha-

[1] Cf.—Barros, II *Decada*, III, 9.— Herodoto, VII, 71.

viam tranſitado rapidamente. De mais, as riquezas do Oriente faziam eſquecer os ricos productos vegetaes da Guiné e do Congo, e o oiro da Mina que tão celebrado fôra no ſeculo XV, em quanto se não dobrou o cabo de Boa Eſperança, e ſe não attingiu a deſejada meta dos descobrimentos.

Sobre a coſta oriental temos algumas indicações.

As embarcações eram, na maneira
Mui veloces, eſtreitas, e compridas;
As velas com que vem eram de eſteira,
D'humas folhas de palma bem tecidas:
I, 46.

Quaſi todos os noſſos eſcriptores fallam d'eſtas velas de palma. Barros diz, que os companheiros de Vaſco da Gama viram entrar no rio dos Bons ſignaes «huns bar-«cos com vela de palma», e depois falla dos zambucos de Moçambique, que vinham a remos e com as meſmas velas. Gaſpar Correia tambem conta que o zambuco, tomado por Vasco da Gama antes de chegar a Moçambique, «levàva vela d'eſteiras.» Os barcos de Zinzibar, ſão deſcriptos por Duarte Barboſa, como ſendo pequenos, ſem coberta, e de um ſó maſtro; acreſcentando: «ha madeira d'eles he lyada e coſida, com tamiſa que «chamaom cairo, has velas ſaom deſteiras de palma.»

Parece que a ſua feição tem mudado pouco até aos noſſos dias, pois o capitão Sulivan deſcrevia, no anno de 1873, quaſi pelas meſmas palavras os barcos chamados *matapas: «their ſail is as primitive as their hull, conſiſting of a ſquare ſtraw mat.*

A materia empregada n'eſte groſſeiro tecido, devia ſer a folha grande e flabelliforme de uma eſpecie de *Bo-*

4*

raſſus, que ſe encontra n'aquellas regiões, e que nomeadamente o ſr. Peters obſervou entre Quilimane e as montanhas de Lupata, onde é conhecida dos naturaes pelo nome de *Madicoa*. Não eſtá, que eu ſaiba, bem averiguado ſe é a eſpecie *B. flabelliformis* L., que habita na India, ſe a *B. Aethiopum* Mart., natural da coſta occidental e centro da Africa, ſendo porém mais provavel que ſeja a ultima. Das folhas de uma e outra d'eſſas eſpecies ſe tecem habitualmente eſteiras, e outros groſſeiros artefactos, nas regiões citadas [1].

[1] Cf.—Barros. I *Decada*, IV, 3.—Gaspar Correia, *Lendas*, I, 34.—Duarte Barboſa, *Livro* na *Collecção de noticias para a Hiſt. e Geogr. das Nações Ultramarinas*, t. II, 254, ed. de 1867.—Sulivan, *Dhow chafing in Zanzibar waters*, 103.—Peters, *Reiſe nach Moſſambique.* *Botanik*, II, 508.

E com panno delgado, que ſe tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul ſe tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.
V, 76.

De pannos de algodão vinham veſtidos,
De varias cores, brancos, e liſtrados;
I, 47.

Eſtes tecidos de algodão, tanto os de Moçambique, como os do rio dos Bons ſignaes, podiam ſer de origem indiana, como de certo eram as ſedas e outras fazendas ricas de que falla Barros, que n'eſta parte é ſeguido mui de perto pelo noſſo poeta; pois os mercadores arabes corriam então todo o mar das Indias, e toda a coſta

africana até ao cabo das Correntes. Mas podiam tambem ser de fabricação local. Na Africa oriental existem espontaneas ou subespontaneas diversas especies de algodoeiros, por exemplo, o *Gossipium puberulum* Klotzsch e o *G. herbaceum* L.; e os negros conheciam desde tempos muito remotos, a arte de tecer o algodão, e a arte de o tingir com o azul de diversas *Indigoferas*, e particularmente da *I. tinctoria* L. Esta leguminosa cultiva-se por toda a Africa tropical e central, e os pannos azues do Sudan são affamados. No entanto Duarte Barbosa,—que é sempre bastante exacto,—diz mui expressamente que os habitantes da costa oriental ignoravam então a arte de tingir, e conta miudamente como desfiavam os pannos azues para, misturando o fio com o seu algodão branco, tecerem pannos pintados; indicando tambem que os pannos azues vinham de Cambaya. Esta ultima informação é exacta, porque o anil, o algodão, e os pannos azues de Cambaya tinham de feito grande reputação no Oriente, já dois ou tres seculos antes das viagens portuguezas. Ou os pannos fossem importados da India, ou fabricados na costa africana, o certo é que eram geralmente usados, e que a asserção de Camões é exactissima. Em quanto aos pannos azues, mencionados na estancia 76, veja-se especialmente o que diz Duarte Barbosa a proposito de Moçambique [1].

[1] Cf.—Barros, I *Decada*, IV, 3.—Duarte Barbosa, *Noticias* II, 248 e 251.—Yule *The book of Ser Marco Polo*, II, 333, ed. de 1871.

Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpamos as náos...........

V, 79.

Efta indicação fobre um facto conhecidiffimo, que ainda hoje fe dá, e que então em longas e lentas viagens, e com coftados de navios mal apparelhados fe devia dar mais fortemente, diz refpeito ao oceano em geral, e não á cofta africana, ou qualquer outra. Cito-a porém n'efte logar, porque n'aquella cofta fe limparam e repararam as naus, como é bem fabido. É efta, com outra de indole mythologica, as unicas menções das *Algas* marinas, e em geral de plantas inferiores, que fe encontram no Poema.

Outro de arco encurvado, e fetta hervada,
i, 86.

É bem conhecido o ufo, muito geral entre os povos felvagens, de envenenar as armas. São, quafi exclufivamente, fubftancias vegetaes, que nas diverfas regiões fervem para efte fim, e d'ahi veiu que os noffos antigos efcriptores chamaram effas armas, *hervadas*. Camões faz a efte ufo uma graciofa allufão, onde diz que as feridas do amor fão particularmente perigofas:

............., quando as fettas
Acertam de levar hervas fecretas.
ix, 33.

No verfo acima citado, refere-fe porém a uma pratica real das regiões orientaes da Africa. A fubftancia hoje ali empregada—provavelmente a mefma já ufada no xv feculo—é o *Kombi,* preparado com as fementes de uma Apocynacea, do genero *Strophanthus,* talvez o *Strophanthus Peterfianus* Klotzfch, efpontaneo na Zambezia. O

principio actívo, e muito energico do *Kombi*, reside em um alcaloide especial, a *strophanthina*[1].

[1] Cf.– Livingstone. *The Zambesi*, 466.—Peters. *Reise nach Mossambique*, I, 276.—Wittstein, *The organic constituents of plants*, 208, transl. of F. von Müeller.

Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas que fizes-te,
Os crises com que já te vejo armada,
x, 44.

Os malayos servem-se, para *hervar* as suas armas, de dois poderosos venenos, o *upas antiar*, e o *upas tieuté*, separados ou misturados. O *upas antiar* é feito com o succo de uma grande arvore, a *Antiarias toxicaria* Lesch., natural de Java. Contaram-se de suas propriedades toxicas curiosas historias, dizendo-se que matava a distancia, não só os homens e os animaes, como a vegetação. Ha n'isto muita exageração, mas a arvore parece no entanto ser uma das mais venenosas plantas existentes. O principio activo do veneno, é um alcaloide particular, a *antiarina*. O *upas tieuté*, talvez ainda mais energico, obtem-se de uma trepadeira, tambem de Java, o *Strychnos Tieuté* Lesch.: os seus principios activos são os conhecidos alcaloides *brucina* e *strychnina*[1].

Como se vê, é perfeitamente exacta a noticia dada por Camões, de que os malayos usavam settas e crises envenenados.

[1] Cf.—Guibourt. *Histoire naturelle des drogues simples*, II, 568, ed. de 1876.—Wittstein. *Organic constituents*, 15 e 209.

.... co'a canella
Com que Ceilão he rica, illuftre, e bella

ix, 14.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antiguo tão famofa,
Quanto agora foberba e foberana,
Pela cortiça calida, cheirofa;

x, 51.

A canella é a cafca do *Cinnamomum Zeylanicum* Breyne, arvore da familia das Lauraceas, indigena da ilha de Ceylão; uma qualidade mais ordinaria, é produzida por diverfas efpecies do mefmo genero, que habitam na India, China, e outras partes do Oriente.

Pelos nomes de *cinnamomo* e de *caffia,* ambos de origem femitica, foi efta, ou mui femelhante efpeciaria, conhecida defde tempos muito remotos. Vem mencionada nos livros dos Reis, dos Proverbios e de Ezekiel, e a ella fazem efpecial referencia Theophrafto, Diofcorides e Plinio, entre outros antigos efcriptores. Sob o nome de *Kwei,* fe encontra citada nos mais velhos tratados de botanica dos chins, um dos quaes parece remontar a 2700 annos antes de Chrifto.

Corriam entre os gregos as mais eftranhas verfões fobre fua procedencia e colheita, fuppondo uns que era defendida por ferpentes venenofas, como refere Theophrafto; e outros que era encontrada nos ninhos de paffaros, que a traziam das regiões aonde Baccho fôra creado, como conta Herodoto.

Em geral julgava-fe originaria da India, ou da Arabia; convindo notar que os antigos fuppozeram, não fó efta, como muitas outras fubftancias orientaes, originarias da Arabia, pelo fimples facto de as receberem pela via do mar Vermelho. Embora em época recente o eru-

dito Cooley admittiffe a antiga exiftencia do *Cinnamomum* na Africa, na *regio cinnamomifera,* para os lados do cabo dos Aromas—o moderno Guardafui—tal exiftencia parece pouco provavel. A verdade é, como já notára Garcia de Orta, que os povos da China, India e Arabia tiveram relações commerciaes mais antigas e activas do que muito tempo fe julgou, fendo a *canella* que concorria aos mercados do Egypto e outros proveniente das terras orientaes, onde ainda hoje fe encontra. Parece porém refultar das minuciofas inveftigações a que procedeu Tennent, que os antigos não conheceram a canella de Ceylão, Taprobana ou Serendib,—que por eftes e outros nomes foi a famofa ilha conhecida;—e unicamente alguma qualidade inferior da India ou da China[1].

Referencias á canella de Ceylão fó fe encontram em efcriptores relativamente modernos.

A primeira, fegundo o erudito coronel Yule, pelo anno de 1275, nos efcriptos do arabe Kazwini; e pouco depois fe encontra outra menção em uma carta de Fr. João de Monte Corvino, acompanhada de uma foffrivel defcripção da planta. No feculo feguinte o celebrado e incanfavel viajante Ibn Batuta vifitou a ilha de Ceylão, e diz que os troncos da arvóre da canella eram tão abundantes, que andavam a montes pelas praias e margens dos ribeiros. E alguns annos antes da viagem de Vafco da Gama a menciona o mercador veneziano Nicolo Conti, que tambem efteve na famofa ilha[2].

---

[1] Cf.—Herodoto, III, 111.—Theophrafto, *Hift. plant.*, IX, 5, p. 145, ed. Wimmer.—Diofcorides, *Materia medica,* I, 12 e 13, I, p. 23 e 25. ed. Sprengel.—Plinio, *Hift. nat.*, XII, 41, 1, p. 488.—Flückiger and Hanbury, *Pharmacographia,* 467.—Sir J. Emerfon Tennent, *Ceylon,* I, 600.

[2] Cf.—Yule, *Marco Polo,* II, 255.—Yule, *Cathay and the way thither,* 213.—*Viagens extenfas & de Ben Batuta,* verfão de Fr. Jofé

Com quanto as deſcripções da arvore, dadas por Monte Corvino e Conti, ſejam baſtante exactas, as noções ſobre a origem da droga continuaram a ſer obſcuras e imperfeitas até ás viagens dos portuguezes. Quando porém eſtes chegaram á India, e ſobretudo quando alguns annos depois ſe apoderaram de Ceylão, começaram a obter mais completa informação da canella, ſua procedencia e qualidades. Duarte Barboſa não ſó dá noticia certa da arvore, que diz ſer ſemelhante ao louro, como deſcreve o modo de colher a caſca, e diſtingue a boa canella de Ceylão de qualidade mais ordinaria do Malabar. Seria digno de citar-ſe todo o capitulo em que Garcia de Orta trata da canella; tanta é a copia de noticias novas, e pela maior parte exactas, que nos fornece. Deſcreve a arvore minucioſamente, e o modo por que ſe colhe a parte aproveitavel da casca [1]; indica a procedencia das diverſas qualidades de maior e menor valia; e falla do caminho ſeguido pelo commercio antes das noſſas viagens, dando conta da navegação dos juncos chins até Ormuz. Deſfazendo com boa critica e notavel deſaſſombro os erros dos auctores claſſicos, exclama — com orgulho bem fundado no ſeu tempo — «que ſe ſabe mais em um «dia agora pelos Portuguezes, do que ſe ſabia em cem «annos pelos romanos.»

---

de Santo Antonio Moura, II, 300. Não tive á minha diſpoſição a verſão de Defrémery, que é mais exacta; cito eſta e ás vezes os eſtractos de Yule.— *Travels of Nicolo Conti*, 7, na *India in the fifteenth century* de Major. Hak. ſociety.

[1] Na deſcripção do proceſſo de deſcaſcar é Garcia de Orta, como antes havia ſido Duarte Barboſa, mais exacto que Gaſpar Correia, o qual *(Lendas da India*, I, 652) ſuppõe erradamente que a caſca ſe tira do ramo ainda preſo á arvore, e nos annos ſeguintes ſe reproduz, como a cortiça. Camões lhe chama cortiça em uma das paſſagens citadas, porém eſta palavra tem ahi ſimpleſmente a ſignificação geral de caſca, e não prova que elle ſeguiſſe eſta falſa opinião.

Taes eram as noções que corriam entre os contemporaneos e compatriotas de Camões, e que elle de certo possuia. A *cassia* ou *canella* do Malabar e da China era pouco procurada, e Ceylão o principal productor da valiosa especiaria: a *madre da canella,* lhe chama João de Barros. É pois d'esta e só d'esta mais fina casca, que naturalmente falla o nosso Poeta.

Referir agora a subida estimação em que foi tida nos tempos antigos e edade média, quando pequenas porções chegavam á Europa pela via do Mediterraneo; e o valor que conservou quando o commercio portuguez começou a generalisar o seu uso, sairia completamente do nosso plano. As proprias palavras do Poeta, celebrando nas duas citadas passagens a famosa ilha, e celebrando-a unicamente por dar este producto, nos mostram quanto era presada[1].

Um contemporaneo de Camões, arreceando-se — com o seu habitual bom senso — dos perigos, que á patria fazia correr a febre de lucro e riquezas orientaes, que se apossára dos portuguezes, dizia:

Não me temo de Castella
Onde guerra inda não soa,
Mas temo-me de Lisboa,
Que ao cheiro d'esta canella
O reino nos despovoa.

[1] Cf.—Garcia de Orta, *Colloquios,* 560, ed. de 1872.—Duarte Barbosa, *Noticias,* II, 350 e 383—Barros, III *Decada,* II, 1.

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso insenso para as aras:
x, 101.

O incenſo é produzido por diverſas eſpecies do genero *Boſwellia*, da familia das Burſeraceas, em parte ainda mal deſcriptas, e que habitam na Arabia e na fronteira margem africana, proximo ao cabo de Guardafui.

Foi eſte perfume muito celebrado pelos antigos, e do ſeu valor temos uma prova no famoſo e bem conhecido preſente dos reis Magos. Era um dos principaes objectos do trafico que os phenicios faziam com a Arabia, e o ſeu nome de λίβανος, e *olibanum* vem do arabe *luban,* e do hebraico *lebonah,* que ſignifica leite, e ſe refere ao aſpecto da reſina, em quanto freſca. O nome *thus* pode vir talvez do verbo θυειν, ſacrificar.

Quaſi todos os auctores gregos, como Herodoto, Plutarcho, Arriano, Strabão, o mencionam, ſendo notavelmente completa a noticia que dá Theophraſto. Uma paſſagem em que Diodoro de Sicilia[1], fallando da terra dos Sabêos, e da abundancia de incenſo que ali havia, diz que os navegadores ſe dirigiam pelo cheiro que da terra ſaía, lembra o verſo em que Camões falla de,

> As coſtas odoriferas Sabéas,
> IV, 63.

E quando o noſſo poeta menciona a Arabia pelo nome de Panchaia:

> Os cheiros excellentes produzidos
> Na Panchaia odorifera queimava
> II, 12.

---

[1] Cf.—Oliver, *Flora of tropical Africa,* I, 324.—Birdwood, *Tranſ. of the Lin. ſoc.*, XXVII, 111.—Flückiger and Hanbury, *Pharmac.*, 120. —Theophraſto, *Hiſt. pl.,* IX, 4, p. 143.—Sprengel, Comment. in *Dioſcorid.,* II, 376.

tem uma reminifcencia claffica, pois que efte nome de Panchaia foi muito ufado pelos latinos, para defignar aquella região:

Totaque thuriferis Panchaia pinguis arenis.
Virg. Georg., II.

Em quanto a Dofar, é nome que fe conferva n'uma planicie *Dhafar*, hoje deferta. Foi antigamente cidade notavel, e tem-fe querido identificar com o *Sephar* do Genefis, ou com o *Sapphara* de Ptolomeu. É certo que teve fempre reputação o incenfo que por aquelle porto fe exportava, e já Marco Polo no XIII feculo menciona o bom incenfo branco ali produzido. Thomé Pires cita o «emcemço de *Tufar*», que é evidentemente a mefma localidade, e Barros o de Dofar, a que chama cidade; é porém provavel que já eftiveffe muito decaída da fua importancia commercial, porque Duarte Barbofa, fempre muito exacto, lhe chama fimplefmente—um logar de mouros [1]. De tudo ifto fe vê quanto a noticia de Camões, no que refpeita á procedencia do incenfo, é correcta.

[1] Cf.—Yule, *Marco Polo*, II, 380.—Carta de Thomé Pires, *Jorn. da Soc. Pharm.*, II, 38.—Barros, I *Decada*, XI, I.—Duarte Barbofa, *Noticias*, II, 265.—Garcia de Orta. *Colloquios*, 213, v.

Diz Camões, fallando de S. Thomé:

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes faude, a mortos vida,
A cafo traz um dia o mar vagando
Um lenho de grandeza defmedida:

Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer d'elle madeira, e não duvida
Poder tira-lo a terra com possantes
Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.

Era tão grande o pezo do madeiro
Que só para abalar-se nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão que traz por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva, e arrasta
Para onde faça um sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

x, 110 e 111.

É impossivel identificar este grande madeiro, com uma especie determinada, pois pertence exclusivamente ao dominio da lenda[1]. Como porém se trata de uma producção vegetal, parece-me necessario dizer alguma coisa sobre a tradição, que serviu de base a Camões.

A versão que este adopta tanto sobre o caso do madeiro, como sobre a resurreição do filho do Brahmene,

[1] Como era de suppor, deu-se o nome de S. Thomé a algumas plantas da India. De uma, celebrada pelas suas propriedades medicinaes, dá noticia Christovão da Costa *(Exotic.*, 264), dizendo que os Brahmenes a chamavam *macre*, os portuguezes *arvore sancta*, e os christãos indigenas *arvore de S. Thomé.* D'esta planta falla de passagem Rumphius *(Herb. Amb.*, II, 16). Parece que a sua casca era o *macer* dos escriptores gregos e romanos; não creio porém que modernamente se tenha reconhecido exactamente que planta fosse (Jussieu, *Dicc. des Sc. naturelles,* XXVII, 484). A outra é a *flor de S. Thomé* descripta e figurada por Sonnerat. *(Voy. aux Indes*, II, 228) sob o nome de *Cadamba jasminiflora*, e hoje incluida no genero *Guettarda* das Rubiaceas. A terceira é a *Bauhinia variegata* L., chamada *arvore de S. Thomé*, por se julgar que as suas flores haviam sido tintas no seu sangue *(Dicc. des Sc. nat.*, II, 451). Nenhuma d'estas se pode no entanto identificar com a arvore da lenda.

e circumſtancias da morte do Santo, relatadas nas eſtancias 112 a 117, concorda com a de Barros; mas não exactamente, com a que corria na India. O Poeta e o erudito e culto hiſtoriador, omittiram algumas circumſtancias, que lhes pareceram menos litterarias, ou orthodoxas.

Gaſpar Correia dá conta da devaſſa feita na coſta de Coromandel, por Miguel Ferreira, ſendo governador Nuno da Cunha, no anno de 1531; e a ſua expoſição concorda, ſalvo em pequenas differenças que pouco importam ao noſſo exame, com a de Duarte Barboſa. Eſtes dois eſcriptores, mais ſingelos, deram-nos uma relação mais fiel das crenças populares, em que ſe envolvem algumas circumſtancias curioſas. O milagre feito com o madeiro é contado quaſi do meſmo modo; mas dizem-nos a mais que a ſua ferradura ſe convertia em dinheiro, com que S. Thomé pagava aos operarios; e dão da morte do Santo, perfeitamente natural na narrativa de Barros e de Camões, uma nova verſão. Segundo as tradições recolhidas na India, S. Thomé fôra morto caſualmente por uns caçadores, quando orava entre pavões, ou eſtando elle meſmo na figura de um pavão, que muitas vezes tomava.

A tradição é antiga, como vamos ver. Pelos annos de 1348 ou 1349, viſitou a coſta de Coromandel um frade minorita, Fr. João de Florença, da familia Marignolli, que fôra enviado como legado do papa ao Gran Khan. Conta a hiſtoria da arvore, dizendo que havia ſido cortada em Ceylão pelo ſanto, e da ſua ferradura haviam naſcido outras arvores *et de pulvere ſecaturae ſeminatae ſunt arbores;* depois—na ſua verſão—o madeiro voga, milagroſamente encaminhado, até á coſta da India. Ahi S. Thomé vem á praia, montado n'um burro, com um manto de pennas de pavão, acompanhado por dois grandes leões, e arraſta o lenho para terra. Finalmente o ſanto é atra-

veſſado por uma frecha, quando orava entre pavões. Já meio ſeculo antes, Marco Polo referira as circumſtancias da morte exaćtamente do meſmo modo.

Se conſiderarmos a parte da lenda, que nos moſtra S. Thomaz, como architećto occupado na conſtrucção de palacios e de templos, ainda achamos mais antiga origem. Nos aćtos apocriphos dos apoſtolos, attribuidos a Abdias, biſpo de Babylonia, ſe conta que o ſanto fôra para a India, comprado a Jeſus Chriſto por um certo rei Gundaphorus,—talvez o Gundophares das moedas indo-ſcythicas,—o qual, querendo edificar um palacio, mandara procurar no occidente um eſcravo, perito em architećtura. Naturalmente o apoſtolo occupa-ſe mais da erecção dos templos do eſpirito e da fé, que da edificação do palacio e acaba por converter o rei.

No officio ſyriaco dos Jacobitas da feſta de S. Thomaz, citado por Aſſemani, encontram-ſe traços que concordam com eſta lenda de Abdias.

Sem nos occuparmos agora de ſaber ſe a religião chriſtã ſe extendera á India, logo no primeiro ſeculo da egreja—o que é poſſivel,—ou ſó alguns ſeculos depois, e na fórma neſtoriana—de que exiſtem numeroſas provas;—o certo é que na lenda ha um fundo de grande antiguidade.

Sobre eſte trama ſimples, e evidentemente de origem chriſtã, ſe teceram depois no Oriente circumſtancias, que pertencem á mythologia indiana. Aſſim os *pavões,* são no mytho vedico, como nos diz o profeſſor Gubernatis, a repreſentação do *ceo,* provavelmente por cauſa do azul brilhante da ſua plumagem. A tranſformação do ſanto em pavão, e a perſiſtente intervenção d'eſta ave na ſua lenda, circumſtancia que a principio parecia pueril, toma uma feição plauſivel e poetica, ſe admittirmos, que repreſenta a elevação do ſeu eſpirito aos eſpaços ideaes e celeſtes, em quanto orava.

Do mesmo modo o madeiro milagroso, tão rico e creador, que a sua ferradura se volvia em oiro, ou gerava outras arvores, lembra-nos a arvore de Buddha, ou a *kalpadruma*, arvore essencialmente cosmogonica. Um traço da versão de Marignolli, que dá Ceylão, como a terra d'onde procedia o madeiro, indica-nos outra ramificação da lenda. Ceylão, na opinião de muitos e do proprio Marignolli, fôra o local do parayso. Estamos pois em presença da arvore do parayso, ou de Adão, sobre a qual tantas versões correram, cuja lenda se liga á da *arvore secca* da edade média, e á do lenho santo de que depois se fez a cruz. Em um antigo conto cyclico francez, do monge Andrius, se encontram circumstancias notavelmente semelhantes ás da lenda de S. Thomaz. Ahi Salomão manda cortar as tres varas de Moysés, para as empregar na construcção do seu templo; essas varas acham-se unidas em uma só e grande arvore, que cresce e decresce maravilhosamente de modo a não poder ser aproveitada. Depois da morte de Salomão, um certo Orifeus, quer tiral-a do templo, onde ficara em deposito. Vae lá com muita gente, mas não a pode mover. «*Lors i ala li prestres meisme à tout merveilheuse force de gent, mais onques ne le porent remuer.*» Fica assim intacta, até que, no tempo da paixão, Cayphaz manda fazer a Cruz de uma parte do tronco. É o mesmo fundo poetico, mostrando-nos o lenho, destinado a entrar em construcções celestes, e que se não pode empregar nos edificios reaes.

É certo que, no tempo de Camões, a interpretação poetica da lenda era absolutamente desconhecida, e por isso elle se contenta com dár a mais simples versão, e se cinge na parte relativa á morte do Santo, á narrativa sobria, e exempta de maravilhoso, do martyrologio christão [1].

[1] Cf.—Barros, III *Decada*, VI, 9.—Gaspar Correia, *Lendas*, III, 419

a 425.—Duarte Barbofa, *Noticias,* II, 345 e 354.—Extractos do *Chronicon Boëmorum* de Marignolli em Yule, *Cathay,* 312 e feguintes.—Sobre a lenda do *arbre fec,* Yule, *Marco Polo,* I, 120.—Gubernatis, *La mythologie des plantes,* verba: *Arbre d'Adam, arbre de Buddha* et *plantes miraculeufes.*—Huc, *Le chriftianifme en Chine,* 14.

Leva pimenta ardente, que comprara:
IX, 14.

Tenaffarí, Quedá, que he fó cabeça
Das que pimenta alli tem produzido.
X, 123.

A pimenta é o fructo do *Piper nigrum* L., arbufto trepador, indigena do Malabar, cuja cultura fe extende baftante pelas regiões orientaes. A pimenta longa é o fructo do *Piper officinarum* C. DC. (*Chavica officinarum* Miquel), indigena do archipelago malayo.

Sob as defignações πέπερι e *piper,* derivadas do nome fanfkrito da pimenta longa, *pippali,* a conheceram os antigos: Theophrafto já dá relação de duas efpecies, e Diofcorides diz que vinha da India; mas as defcripções d'eftes e outros efcriptores gregos ou romanos fão incompletas, e vê-fe que tinham efcaffa noticia da droga, e nenhum conhecimento da planta. Plinio particularmente accumula as mais fingulares inexactidões a refpeito d'efte vegetal. A primeira defcripção da planta, aproximada á verdade, encontra-fe na *Topographia Chriftiana* do monge Cofmas Indicopleuftes, o qual, pelos meiados do VI feculo, parece ter vifitado a India, a uma parte da qual—o Malabar—chama o *paiz da pimenta.* Depois, durante a edade média, abundam as informações, dadas por diverfos efcriptores: o judeu hefpanhol Benjamin de Tudela; o miffionario Fr. Odorico,

que visitou grandes plantações de pimenta no *Minibar*, como elle lhe chama; o geographo arabe Edrisi; o bem conhecido Marco Polo; o viajante Ibn Batuta que, como Cosmas, dá a uma parte da India o nome de paiz da pimenta, *Belad el-Fulful;* e finalmente, não muitos annos antes da expedição de Vasco da Gama passar ao Oriente, o italiano Nicolo Conti[1].

Como se vê, diversos escriptores haviam, antes das viagens portuguezas, dado exacta noticia da procedencia botanica e geographica da celebre especiaria. No entanto Garcia de Orta excede muito todos os precedentes, no rigor da descripção das diversas especies, e delimitação das regiões em que se creavam.

É bem conhecida a importancia, que a pimenta teve no commercio de Portugal com a India. Foi esta a especiaria que os nossos procuraram com mais ardor. Quando na costa africana descobriram uma nova pimenta, o *Piper Clusii*, logo a mandaram a Flandres, tentando competir com a mercadoria introduzida na Europa pelos italianos. Desde que passaram á India, ficou a verdadeira pimenta sendo a base do seu commercio e da sua riqueza. Em Portugal se consumia uma pequena parte, e o mais d'ella era levado aos mercados de Flandres e outros. A entrada em Antuerpia do primeiro navio portuguez, que conduzia directamente da India as ricas especiarias, foi um notavel successo commercial. Rumes e mouros, instigados e ajudados pelos venezianos, tentaram em vão reter o commercio nas

[1] Cf.—Theophrasto, *Hist. Pl.*, IX, 20, pag. 162.—Dioscorides, *Mat. Med.*, II, 188, I, p. 298.—Plinio, *Hist. nat.*, XII, 14, I, p. 479.—Flück. and Hanbury, *Pharmac.*, 519.—Extractos da *Topographia Christiana*, em Yule, *Cathay*, CLXVII, e na mesma obra *Travels of Friar Odoric*, 75.—Ibn Batuta, *Viagens*, II. 350.—Major, *India*, XLVII, e tambem *Travels of Nicolo Conti*, 17.

ſuas mãos; cederam afinal e o monopolio ficou por longos annos na poſſe dos portuguezes [1].

Se bem a cultura da planta eſtiveſſe muito generaliſada no Oriente no tempo do noſſo dominio, era na região do Malabar que ſe produzia a maior quantidade. Nos portos dos reinos de Cananor, Calecut, Cochim e Coulão, na coſta que corre até ao cabo Comorin carregavam principalmente os noſſos navios. Ahi ſe encontrava a ſerra da Pimenta, o reino da Pimenta, ou de Chempé, e a ilha da Pimenta de que falla Camões, e aonde foi na ſua primeira expedição. É notavel pois que o Poeta, na ſua deſcripção da Aſia, não falle d'eſta pimenta; mas da de Quedá, ſituado além do Ganges, mui longe do Malabar. Que em Quedá havia uma excellente qualidade ſabemos nós, pois Duarte Barboſa diz, fallando d'eſta localidade: «nele naſe muyta e fermoſa pimenta que dele «levauom pera Malaca e China.» Vejamos que eſpecie era. Das duas qualidades de pimenta, produzidas no Oriente, a longa foi ſempre mais prezada do que a negra ou vulgar. No anno de 1340, Pegolotti feitor da caſa commercial dos Bardi de Florença diz, que em Conſtantinopola ſe peſava a longa por um certo modo e entre as eſpeciarias mais finas, e a vulgar entre as eſpeciarias mais groſſeiras. Do *Livro dos peſos* de Antonio Nunes ſe vê tambem que, na época do noſſo dominio, o modo de as peſar em Ormuz era diverſo. Em Cochim, principal mercado d'eſta droga, valia—ſegundo Garcia de Orta—a *pimenta negra uſual* a dois cruzados e meio o quintal, e a *longa* a quinze e vinte cruzados. Ora eſta pimenta longa vinha de Bengala, e de regiões para além do Ganges, iſto é dos lados de Quedá; e era rara em

[1] Cf.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 171.—*Memoria ſobre a malagueta*, 15.

Cochim porque ia *pera outros cabos,* provavelmente para a China, o que concorda com a affirmação de Duarte Barbofa; parece pois que a *fermofa* pimenta de que falla efte efcriptor e depois Camões, feria a longa. É bem natural que o noffo Poeta a conheceffe na China, para onde fe dirigia a maior quantidade[1].

D'efte exame refulta claramente que as paffagens dos *Lufiadas* são correctiffimas, e fe trata na primeira do *Piper nigrum*, e na fegunda do *Piper officinarum.*

[1] Barros, IV *Decada*, I, 11.—Gaspar Correia, *Lendas,* I.—Couto, X *Decada,* VI, 15.—Duarte Barbofa, *Noticias*, II, 363.—Yule, *Cathay*, 3o5, extractos do livro de Pegolotti.—*Livro dos pefos,* por Antonio Nunes nos *Subfidios para a hiftoria da India portugueza,* por Felner, 8 e 15.—G. de Orta, *Colloquios,* loc. cit.

Bem junto delle um velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a feu coftume eftava ruminando.
VII, 58.

Refere-fe aqui Camões á folha do *Piper Betle* L., que é o *betle* dos indianos, o *tembul* dos perfas e arabes, e o *firih* dos malayos. É muito antigo o ufo d'efta folha na India, e vem já mencionado em infcripções fanfkritas. O betle miftura-fe com cal viva, feita de conchas, a que os malayos chamam *chunam;* e com talhadas do fructo da *Areca catechu* L., o *guváca* fanfkrito, o *faufel* dos arabes, e o *pinang* dos malayos. Occafionalmente fe lhe juntava camphora, como já diz Marco Polo, e ainda outras fubftancias aromaticas de que Garcia de Orta dá uma relação completa. Efta miftura fórma um maftica-

torio de que os povos da India e do archipelago ufavam e ainda ufam conftantemente.

Pode-fe comparar efta paffagem do poema, com a curiofiffima relação da primeira entrevifta de Vafco da Gama, com o foberano Hindu, dada pelo anonymo auctor do *Roteiro da viagem de Vafco da Gama,* aonde falla da herva chamada *atambor,* que os *homens d'efta terra comem pela calma.* O nome aqui applicado á planta é uma corrupção do *tembul* arabe; fendo perfeitamente exacto o reparo feito pelos auctores das notas, de que os noffos, communicando com os naturaes por intermedio dos mouros, e tendo algum conhecimento da fua lingua, adoptaram mais vezes os nomes arabes das coifas que obfervaram, do que as defignações das linguas indianas [1].

[1] Cf.—Hooker, *Botanical magazine,* t. 3132.—Flück. and Hanbury *Pharmac,* 607.—Yule, *Marco Polo,* II, 311.—Garcia de Orta, *Colloquios,* 37.—*Roteiro da viagem de Vafco da Gama,* 2.ª edição, por A. Herculano e o barão de Caftello de Paiva, 57 e 156.

Vês, corre a cofta que Champá fe chama,
Cuja mata he do páo cheirofo ornada:
x. 129.

É efta madeira, fegundo Roxburgh e Royle, produzida pela *Aquilaria Agallocha* Roxburgh, da familia das Aquilarineas, indigena da Cochinchina e regiões vifinhas. Alguns fuppoferam fer a de uma leguminofa, *Aloëxylum Agallochum* Loureiro, planta da mefma região e pouco

conhecida. Inferiores qualidades ſão produzidas pela *Aquilaria ſecundaria*, e outras eſpecies[1].

Foi um dos perfumes mais celebrados pelos antigos, e vem mencionado nos livros dos Numeros e dos Pſalmos. Um dos nomes uſados pelos gregos *αγαλλοχον*, parece derivar-ſe do arabe *agaludſchin*, que ſe prende talvez a um dos nomes ſanſkritos *aguru*, tendo aſſim paſſado das linguas indo-europeas ás ſemiticas, e d'eſtas de novo ás indo-europeas. Em quanto ao outro nome grego *αλοη*, e ao latino *aloes*, liga-ſe ao arabe *alloüat*, e ás fórmas hebraicas *ahalim* e *ahalot*. Os portuguezes lhe chamavam *madeira de aloes*, ou *linaloes*, por contracção de *lignum aloes; calambac* e *garo*, que ſão os nomes malayos; e *páo de aguila*, por ſemelhança de ſom com um dos nomes arabes. Eſta ultima deſignação, mal entendida, converteu-ſe em *páo de aquila*, *bois d'aigle* e *eagle wood*. De modo que ſe chamou *madeira de aloes*, ſem ter ſemelhança com o verdadeiro *aloes*, e *madeira de aguia* ſem ter relação de eſpecie alguma com as aguias[2].

A madeira—e não a planta—foi bem conhecida na edade média; d'ella fallam Coſmas, Maçudi, Pegolotti, Ibn Batuta e outros. Aos noſſos tambem foi familliar. Duarte Barboſa chama *aguila* a qualidade mais ordinaria, e *lenho aloes verdadeiro* a mais fina, peſada e negra. Garcia de Orta, eſcreve ſobre o *linaloes* um longo capitulo, um tanto confuſo. Dá porém uma deſcripção exacta da madeira e ſuas variedades. Emquanto á planta, declara que a não vira, porque a região onde creſce permanecia

---

[1] Cf.—De Candolle, *Prodromus*, XIV, 601.—Guibourt, *Hiſt. nat. des drogues ſimples*, III, 337.—Loureiro, *Flora Cochinchinenſis*, I, 267.—Rumphius, *Herb. Amboinenſe*, II, 29, ed. de Burmannus.

[2] Sobre os nomes antigos, cf.—Sprengel, Comment, in *Diosc.*, II, 360.—Rumphius, loc. cit..

inexplorada, e o ſeu aceſſo era mui difficil por cauſa dos tigres. Barros tambem diz de Campá e Cauchii China «o qual acerca de nós é o menos ſabido reino d'aquellas «partes», e o noſſo Poeta lhe chama *Cauchichina de eſcura fama*. Do meſmo conhecimento imperfeito ſe queixa Rumphius um ſeculo mais tarde; e ainda hoje o interior da Indo-China, permanece uma das partes menos conhecidas do globo, reſtando algumas duvidas ſobre a identificação botanica da madeira de Aloes.

A deſignação de Champá applicava-ſe no tempo de Camões a uma região aſſaz vaſta, que abrangia uma boa parte da coſta oriental do golfo de Sião. Duarte Barboſa chama-lhe ilha, o que não admira, pois em ſeu tempo a coſta para além de Malaca eſtava pouco corrida, e muitas vezes os navegadores tomaram por ilhas, porções de continente de que ignoravam as ligações; e diz que ali: «naſe «muyto lenho aloes ha que os Indios chamaom Aguila «Calambua.»

De feito é de Champá, que tem ſempre ſido exportado eſte perfume. No x ſeculo, Maçudi, no ſeu curioſiſſimo livro dos *Prados de oiro*, falla do aloes chamado *ſinfi* produzido nas coſtas do mar de *Sinf*. E do aloes *ſanfi* trata tambem Avicena no *Canon*. Ora eſte mar do *Sinf*, ou *Sanf* dos geographos arabes era o golpho de Sião, e a região do *Sinf* identifica-ſe com Champá. Da meſma região e do meſmo producto fallou tambem na edade média Marco Polo; e a eſtas indicações, anteriores a Camões, podemos accreſcentar as que dá um ſeculo depois Rumphius, o qual affirma, que o verdadeiro e bom *Calambac* ſó ſe produzia na região de Tſjampáa. Vê-ſe pois quanto é exacta a noticia dada pelo Poeta [1].

[1] Cf.—Duarte Barboſa, *Noticias*, II, 373.—Barros, I *Década*, IX, I.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 118.—Yule, *Cathay*, 95 e *Marco Polo*, II, 212.—Maçudi, *Les prairies d'or*, tr. de Barbier de Meynard et Pavet de Courteille, I, 330.—Rumphius, loc. cit.

.... e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco,............
IX, 14.

Vê Tidore, e Ternate, co'o fervente
Cume que lança as flammas ondeadas:
As arvores verás do cravo ardente
Co'o fangue portuguez inda compradas;
X, 132.

O cravo é o botão do *Caryophyllus aromaticus* L. (*Eugenia caryophyllata* Thunberg), arvore indigena unicamente das cinco pequenas ilhas Molucas; as duas mais importantes das quaes menciona Camões. Hoje eftá a fua cultura baftante efpalhada pelas regiões quentes do globo.

As conhecidas defignações de *καρυόφυλλον*, *caryophyllum* ou *garyophyllum* tem-fe referido á fórma de nóz, que aprefentam as petalas no botão, mas parecem antes derivar-fe de algum nome arabe, como *karumpfel*. Não foi conhecido, ao que fe julga, dos antigos, e a menção que fe encontra no livro de Plinio é muito duvidofa. Nos feculos feguintes temos referencias, mais feguras, nos efcriptos de Cofmas, e de Paulo Egineta.

Durante a edade média foi uma mercadoria conhecida, pofto que rara, concorrendo a Acra na Paleftina, que então era um grande mercado, e fendo d'ahi levado pelos italianos aos portos de Marfelha, Barcelona e outros. A planta porém não foi obfervada, o que não admira porque eftava localifada nas Molucas, em uma parte remota, e pouco visitada dos archipelagos orientaes. Por iffo os viajantes fallão do cravo de modo confufo e incorrecto: affim Marco Polo diz fer um producto de Java, no que fe enganou; e o incanfavel viajante Ibn Batuta, affirma ter vifto a arvore, o que não é provavel, pois confundiu tudo,

e ſuppoz que o fructo d'eſſa arvore era a *noz muſcada*. A mais exacta noticia é a de Nicolo Conti, o qual diz que o cravo vinha a Java de uma ilha do meio dia, ſituada a quinſe dias de viagem; e unicamente ſe engana no nome que dá á ilha[1].

Logo nos primeiros annos em que paſſaram á India, os portuguezes encontraram o cravo nos mercados do Malabar, de Ceylão, de Malaca e outros aonde deſde remotos tempos o traziam os barcos malayos, e os juncos chins.

No anno de 1511, depois da tomada de Malaca, man dou Affonſo de Albuquerque deſcobrir as ilhas de Maluco por Antonio de Abreu e Franciſco Serrão. Um pouco mais tarde foi Antonio de Brito fazer uma fortaleza em Ternate, e paſſados annos tomaram os noſſos definitivamente poſſe das ilhas. É certo porém que, pelo caracter inquieto e corajoſo dos habitantes, tiveram ali grandes difficuldades, comprando muitas vezes o cravo com o ſeu ſangue, como diz Camões. Viſitadas as ilhas, tornou-ſe familiar a todos os noſſos navegadores o aſpecto da arvore, o proceſſo da colheita e conſervação do cravo, e a natureza do chamado *fuſte* ou *baſtam*[2].

A importancia da mercadoria, que occupava no noſſo commercio talvez o ſegundo logar, ſendo apenas inferior á da pimenta, explica o intereſſe que ſe ligou á poſſe

---

[1] Cf.—Flück. and Hanbury, *Pharmac.*, 250.—Plinio, *Hiſt. nat.*, XII, 7, I, p. 479.—Sobre os nomes antigos. Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 3.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 100.—Cluſius, *Exoticor.*, 348.—Veja-ſe tambem Yule, *Cathay*, CLXXVII e 472.—*Marco Polo*, II, 217 e 248.—Ibn Batuta. *Viagens*, II, 345.—Major, *India, Travels*, 17.

[2] Cf.—Duarte Barboſa, *Noticias*, II, 371 e 384.—Barros, III *Decada*, V. 5.—Gaſpar Correia, *Lendas*, II.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 100.—Mais detalhada noticia da cultura ſe encontra em Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 5.—O fuſte já é mencionado no XIV ſeculo por Pegolotti *fuſti di gherofani*, Yule, *Cathay*, 305.

de Maluco. E efte intereffe mais fe avivou quando a poffe nos foi difputada. De feito, depois da viagem de Fernando de Magalhães, a côrte de Madrid levantou pretenfões ao dominio d'aquellas ilhas, julgando haver chegado ao celebre meridiano, que feparava as conquif-tas de Portugal das de Caftella. Para dar fatiffação ás reprefentações de Portugal, fe reuniu na fronteira uma conferencia diplomatica e fcientifica; mas apefar de Garcia de Orta nos dizer, que por obfervações de eclipfes fe reconheceu eftar Maluco mais de duzentas leguas para dentro da conquifta de Portugal, o certo é, que as determinações de longitudes eram então por tal modo duvidofas, que a conferencia não pôde chegar a um accordo, e Portugal teve de comprar a poffe tranquilla das Molucas. A hiftoria completa d'efta curiofa queftão fe pode ler em uma eruditiffima nota do fr. João de Andrade Corvo, recentemente publicada[1].

Voltando aos *Lufiadas* vê-fe que a menção das ilhas de Tidore e Ternate, como terras productoras do cravo, é da mais rigorofa exactidão.

---

[1] Cf.—Barros, III *Decada*, v. 8, 9 e 18.—G. de Orta, *Colloquios*, 101.—Corvo, *Hiftoria da linha de demarcação, que repartia o mundo entre Portugal e Caftella,* no *Jorn. de Scienc. Math.*, etc., num. XXVIII.

A fecca flôr de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo,........

IX, 14.

Olha de Banda as ilhas, que fe efmaltam
Da varia cor que pinta o roxo fruto;

As aves variadas, que alli ſaltam,
Da verde noz tomando ſeu tributo:
x, 133.

A *noz muſcada,* é a ſemente da *Myriſtica fragrans* Houttuyn, arvore de medianas dimenſões, que habita particularmente as ſeis pequenas ilhas de Banda, e algumas regiões viſinhas, como Gilolo, Amboina e outras. A *arilha*, que envolve a ſemente, é conhecida pelos nomes de *maça, macir* ou *macis.*

No *Pſeudolus*, comedia de Plauto, eſcripta perto de dois ſeculos antes de Chriſto, apparece uma referencia ao *macer;* e depois Dioſcorides, Galeno e Plinio fallam de uma droga pelo meſmo nome. Julga-ſe porém que eſſa ſubſtancia ſeria differente da que nos occupa. Tal era já a opinião de Chriſtovão da Coſta, que diz applicar-ſe aquelle nome á caſca de uma arvore do Malabar; e tambem a de Garcia de Orta, o qual faz meſmo a tal reſpeito uma obſervação engraçada, que moſtra por um lado a conſideração que ainda havia pela ſciencia grega, e por outro, como as viagens começavam a emancipar os eſpiritos d'eſſa ſujeição. Diz aſſim: «Eu eſtando em «Heſpanha, não ouſaria de dizer alguma couſa contra «Galeno, e contra os Gregos.»

Admittindo pois, como parece provado, que o *macer* dos antigos era coiſa diverſa, encontramos a primeira menção d'eſta ſemente, ſob o nome de *nuces indicae*, nas receitas do medico Aëtius, do anno proximamente de 540. Maçudi no x ſeculo, cita as muſcadas como um dos productos das ilhas orientaes do mar de Sinf; e mais tarde Kazwini—citado na *Pharmaçographia*—diz expreſſamente que vinham das Molucas.

Os eſcriptores arabes de materia medica, Avicena e Serapio, e os viajantes Marco Polo e Ibn Batuta tambem a conheceram; mas imperfeitamente, e a paſſagem

do ultimo é especialmente incorrecta. Penetrava, durante a edade média, na Europa pelo commercio do Mediterraneo, porém em pequena quantidade, sendo o seu preço elevadissimo, pois em Inglaterra, no anno de 1377, duas libras de maça valiam quasi tanto como uma vacca[1].

Depois de Antonio de Abreu e Francisco Serrão terem visitado as ilhas do pequeno grupo de Banda, começaram os portuguezes a frequental-as, familiarisando-se com o aspecto da arvore, sua cultura e natureza dos seus productos. Duarte Barbosa dá noticia da *noz*, e *maça* de Bandam[2]; e Garcia de Orta dá uma descripção correctissima da planta, como se pode bem julgar, comparando-a com a do minucioso Rumphius. A descripção de João de Barros tambem é detida, e o quadro que pinta da vegetação e aspecto de Banda, um dos mais graciosos, que nos deparam as *Decadas*. Este quadro é seguido mui de perto pelo nosso Poeta. *A varia côr que pinta o roxo fruto,* vem descripta por Barros, dizendo que a noz amadurece como os pessegos calvos, tingindo-se a modo de arco iris. E depois acrescenta: «E «porque n'este tempo que começam amadurecer, acodem «da serra, como a novo pasto, muitos papagaios e passa«ros diversos, he outra pintura ver a variedade da feic«ção, canto e cores, de que a natureza os dotou.» O que lembra *as aves variadas que alli saltam* de Camões. Se o Poeta—sobre o que ha duvidas—não visitou a ilha, in-

[1] Cf.—Flück. and Hanb. *Pharmac.* 451.—Garcia de Orta, *Colloquios,* 130.—Christofori Acosta *Aromatum,* no *Exotica* de Clusius, 264.—Maçudi, *Prairies* I, 341.—Yule, *Marco Polo,* II, 217.—Ibn Batuta, *Viagens,* II, 345.—Rogers, *Hist. of agr. and prices in England* citado na *Pharmacographia.*

[2] Alguns dos nossos escriptores não comprehenderam, como era natural, a natureza da *semente, arilha* e *frucło* da planta, e Barbosa diz; que a noz é o fructo, sobre o qual está a maça á maneira de flor; do mesmo modo Camões chama á maça, *secca flor de Banda.*

ſpirou-ſe na deſcripção do grande proſador ſeu contemporaneo, que naturalmente conhecia quando eſcreveu o decimo canto[1].

[1] Cf.—Duarte Barboſa, *Noticias*, II, 370.— G. de Orta, *Colloquios*, 128.—Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 14.—Barros, III *Decada*, v, 6.

Olha tambem Borneo, onde não faltam
Lagrimas no licor coalhado, e enxuto,
Das arvores, que camphora he chamado,
Com que da ilha o nome é celebrado.
x, 133.

A camphora de Bornéo é produzida pela *Driobalanops aromatica* Gäertn., arvore de grandes dimenſões, da familia das Dipterocarpeas, natural de Bornéo e de Sumatra. No ſul da China, Formoſa e Japão ſe obtem camphora de uma arvore inteiramente diverſa, o *Laurus camphora* L.

A primeira menção d'eſte perfume vem incluida n'uma receita do medico Aëtius de Amida, o qual a manda juntar a um certo preparado, ſe a houver; e eſta curioſa indicação hiſtorica já ſe encontra mui correctamente expoſta nos *Colloquios* do noſſo Garcia de Orta. Depois temos muitas provas da grande eſtima em que foi tida: exiſtia nos theſouros dos reis da Perſia, e dos kalifas do Cairo; e fez parte de um rico preſente enviado ao papa Bento XII pelo Gran Khan. Encontram-ſe noticias da camphora em muitos eſcriptores arabes, e entre outros em Maçudi, que celebra á eſpecie do paiz de Kanſur. Edriſi dá uma indicação ſobre a arvore relativamente exacta; mas Ibn Batuta dá uma deſcripção muito errada da planta,

que diz ſer ſemelhante ás cannas, confundindo, provavelmente, a camphora com o *tabaſchir* dos bambús; conta tambem que ao pé d'eſte vegetal ſe derramava o ſangue das victimas, ſem o que não ſe produzia a ſecreção. Conti diz egualmente, que ſe faziam certos ſacrificios para eſte ſim; e Maçudi, já citado, affirma que a camphora era mais abundante em annos de trovoadas e tremores de terra. Como ſe vê, rodeava-ſe a producção de certas circumſtancias myſterioſas.

Marco Polo obſervou no ſul da China a camphora do *Laurus camphora,* e depois em Sumatra a do *Driabalanops,* e diz que eſta—a *Fanſuri*—valia o ſeu peſo de oiro. Eſtas duas qualidades conheceram depois os noſſos muito bem, como ſe vê do *Livro* de Duarte Barboſa, e do de Antonio Nunes, e melhor dos *Colloquios.* Aqui ſe encontra a diſtincção rigoroſa entre as *duas camphoras*, e a aſſerção exacta de que a de Bornéo era quaſi deſconhecida na Europa, o que reſultava da eſtimação em que a tinhão no Oriente, e da enorme differença de preço entre uma e outra. Eſta differença ainda ſe conſerva, pois um *pikul* de camphora boa da China vale 20 dollars, e o meſmo peſo da de Bornéo 2:000, d'onde reſulta que quaſi toda a que hoje ſe encontra no commercio é da China, Formoſa ou Japão, iſto é, produzida pelo *Laurus.* Tambem Orta nos diz que a boa era a de *Bairros;* e eſte nome—que ſe deve ler *Barus*—identifica-ſe com o celebrado *Fanſur,* porto de Sumatra, por onde effectivamente durante tres ſeculos ſe exportou a melhor *Kapur-fanſuri.*

Do modo porque a arvore creava a camphora, tambem Orta dá boa relação. Havia examinado diverſos exemplares, e, entre outros, um groſſo madeiro, enviado de preſente a D. João de Caſtro: ahi tinha obſervado que a camphora era gomma e não miolo, e *ſuava* pelas gretas ou fendas da madeira. De feito o *borneol* exſuda

para as fendas do lenho, e ahi ſe ſolidifica em maſſa ſemi-cryſtallina, n'umas lagrimas ou gottas pequenas. É iſto que Camões pintou com admiravel exactidão ſcientifica, e feliciſſima eſcolha de termos, chamando-lhe *lagrimas no licor coalhado e enxuto*[1].

---

[1] Cf.—Flück. and Hanb. *Pharmac.*, 458.—*Aetii medici Gr. tetrabiblos*, 910, citado por Yule.—Yule, *Cathay*, 357, e *Marco Polo*, II, 244.—Maçudi, *Prairies*, I, 338.—Edriſi, *Géographie*, I, 80, trad. de Amedée Jaubert.—Ibn Batuta, *Viagens*, II, 344. A verſão de Moura é aqui defficiente.—Major, *India*, 15.—Duarte Barboſa, *Noticias*, II, 384.—*Livro dos Peſos*, 9 e 14 nos *Subſidios* de Felner.—G. de Orta, *Colloquios*, 41.

Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo ſalutifero, e cheiroſo;
x, 134.

É a madeira do *Santalum album* L., arvore da familia das Santalaceas, que ſe encontra eſpontanea em algumas partes da India, varias ilhas do archipelago malayo e Timor.

Sob o nome ſanſkrito *chandana*, que os arabes converteram em *ſandal*, vem mencionado no *Nirukta*, antigo commentario vedico, eſcripto pelo v ſeculo antes de Chriſto; e tambem nos poemas epicos *Ramayana* e *Mahabharata*, que pertencem, em parte, á meſma época.

É duvidoſo ſe os povos da bacia mediterranica conheceram eſta madeira nos tempos remotos. Todos ſe recordam do celebre paiz de Ophir, para onde navegavam as frotas de Salomão e do ſeu alliado Hiram. Eſſas frotas trouxeram oiro, prata, marfim, bogios e pavões; e

tambem uma madeira preciofa, que alguns julgaram fer o fandalo. O profeffor Max Müller inclina-fe a efta opinião; e vê nos nomes hebraicos da madeira, *algum* e *almug*, que lhe não parecem femiticos, corrupções de um dos nomes fanfkritos do fandalo, *valgu-ka*. Se o poderofo rei da Judéa recebia da India aquelle lenho, perdeu-fe depois o feu conhecimento, e fó muitos feculos mais tarde fe encontram menções no *Periplo do mar Erythreo*, e depois na *Topographia* de Cofmas, onde fe diz que era importado em Ceylão.

Maçudi no x feculo, enuméra o fandalo entre os productos preciofos do paiz do Maharadja, ou rei das ilhas, parecendo querer affim referir-fe á madeira do archipelago, e não á da India. Serapio o moço, conhecia tres efpecies d'efte lenho, porém é difficil decidir quaes eram[1].

Os noffos efcriptores diftinguiram bem, e pela primeira vez, as efpecies de fandalo e o feu valor, como fe vê do *Livro* de Barbofa, e melhor dos *Colloquios*. Ahi Garcia de Orta moftra que o fandalo *branco* e o *amarello*, ou *citrino*, eram mui femelhantes, mas que o *vermelho* não cheiroso, e de menor valor, era produzido por differente arvore; e de feito é, o lenho de uma leguminofa, o *Pterocarpus fantalinus* L. fil. De modo que eftas diftincções, antes confufas, fe encontram correctamente expoftas nos livros portuguezes. N'eftes e na obra pofterior de Rumphius, fó fe falla do fandalo de Timor e terras proximas; e mui levemente e em duvida do da India. As arvores de Myfore e outras partes da peninfula Indo-gangetica eram então mal conhecidas, e Timor

---

[1] Cf.—Flück. and Hanbury, *Pharmac.*, 540.—Max Müller, *Lectures on the fcience of language*, 1 feries, 210.—Yule, *Cathay*, CLXXVII.—Maçudi, *Prairies*, 1, 341.

o paiz claſſico do ſandalo[1], o que moſtra que a paſſagem dos *Luſiadas* é perfeitamente exacta.

[1] Cf.—Duarte Barboſa, *Noticias*, II, 370 e 384.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 185.—Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 42.

.... e a maravilha
Do cheiroſo licor, que o tronco chora;
Cheiroſo mais que quanto eſtilla a filha
De Cinyras, na Arabia onde ella móra;
x, 135.

Falla aqui Camões de duas ſubſtancias, do *benjuin*, e da *myrrha*, com que o compara, julgando-o ſuperior.

Eſte *benjuin* é a reſina de uma pequena arvore das floreſtas de Java, e de Sumatra, o *Styrax Benzoin* Dryander; em quanto á droga do meſmo nome, proveniente de Sião, não eſtá bem tirada a limpo a ſua procedencia botanica.

Não foi eſta ſubſtancia conhecida dos antigos, e a primeira menção, que d'ella ſe encontra,—ſegundo conſta das inveſtigações dos eruditos auctores da *Pharmacographia*,—vem no livro, tantas vezes citado, de Ibn Batuta. Eſte viajante falla-nos do *incenſo de Java*, e o nome por elle empregado, commum entre os arabes, *luban jauá*, é a origem das deſignações hoje uſadas, tendo-ſe convertido em *banjaua*, *benjuin*, e outras fórmas ſemelhantes.

Em tempos pouco anteriores ás viagens portuguezas, vinha á Europa pequena quantidade d'eſte caro e eſtimado perfume. Apenas conſta, que os Soldões do Egypto incluiram algum benjuin em ricos preſentes, envia-

dos no XV feculo aos doges de Veneza, Pafcual Malipiero e Agoftinho Barberigo, e á celebre Catharina Cornaro, rainha de Chypre.

O *Roteiro da viagem de Vafco da Gama* é o primeiro livro portuguez, em que vem mencionada efta fubftancia. É notavel a grande copia de informações, algumas na verdade confufas e inexactas, que o auctor do *Roteiro,* peffoa pouco illuftrada, confeguiu obter durante a fua curta demora na India. Pena é, que não deffe mais circumftanciada noticia d'aquelle homem que ali encontrou, que fallava portuguez, e lhe forneceu tantas informações.

Em quanto ao benjuin, diz-nos o anonymo efcriptor, que o havia branco e preto no reino de *Pegúo;* e que em *Xarnauz* havia tambem muito *beijoim* e muito *aloee.* Os auctores das notas ao *Roteiro,* inclinaram-fe a identificar efta ultima localidade com a ilha de Bornéo, fuppondo que ali fe produziam aquellas drogas; mas efta opinião é infuftentavel, e o anonymo refere-fe evidentemente a Sião. Como vimos, a madeira de aloes é uma producção efpecial da cofta de Champá, proxima a Sião, n'efte reino ha tambem benjuin, e demais o nome não deixa duvida: *Xarnauz*, que mais tarde Fernão Mendes Pinto ufa na fórma *Sornau,* é a tranfcripção, baftante exacta, do nome perfa *Shahr-i-nao*, que fignifica *nova cidade,* e pelo qual Sião foi conhecido dos mercadores do Oriente, durante feculos.

O *benjuin* de Sião tambem é citado por Duarte Barbofa, o qual diz que os mouros lhe chamavam *luban,* o que é exacto, e accrefcenta que d'elle faziam *eftoraque* no Levante, no que fe engana. Egualmente affirma que em Çamatra nafce muito bom *beijoim.*

Os auctores do excellente livro *Pharmacographia,* reconhecem que Garcia de Orta «*was the firft to give* «*a lucid and intelligent account of benzoin.*» De feito

6*

todo o capitulo do noſſo auctor é curioſo. Começa por diſtinguir o *benjuy amendoado* de Sião e Martaban; droga effectivamente eſpecial, que hoje ſe exporta principalmente pelo porto de Bangkok, e ſobre cuja procedencia botanica ainda, como vimos, reſtam duvidas. Depois falla da droga mais negra de Samatra, á melhor da qual chamavam *benjuy de boninas*. Dá em ſeguida uma boa deſcripção da arvore, de que vira troncos e folhas conſervadas em vinagre; e egualmente uma exacta indicação ſobre a gomma, e modo de a recolher, fazendo inciſões nos troncos.

Como ſe vê é correcta a paſſagem de Camões, tanto ſobre a reſina cheiroſa, que o tronco exſuda ou *chora*, como relativamente á ſua procedencia de Sumatra[1].

[1] Cf.—Flück. and Hanb., *Pharmac.*, 361.—Ibn Batuta, *Viagens*, I, 343, e *Cathay*, 469.—*Roteiro da viagem de Vaſco da Gama*, 109, 112 e 163.—Duarte Barboſa, *Noticias*, 367, 368, 384.—Garcia de Orta. *Colloquios*, 8.

Nos verſos, acima citados, falla Camões da filha de Cinyras, a celebrada Myrrha, a quem a fabula deu tão má fama.

A reſina d'eſte nome é produzida por uma pequena arvore da familia das Burſeraceas, a *Balſamodendron Myrrha* Nees von Eſembeck, que creſce na Arabia; obtendo-ſe egualmente da meſma eſpecie, ou de outras ſemelhantes, nas terras da margem africana do mar Vermelho.

Lembra naturalmente, ao fallar d'eſta ſubſtancia, o conhecido preſente dos reis Magos, em que a myrrha, ſegundo antigos hymnos lithurgicos, repreſentava o homem.

Offert Aurum caritas,
Et Myrrham auſteritas,
Et Thus deſiderium.
Auro Rex agnoſcitur,
Homo Myrrha, colitur
Thure Deus gentium.

Muito antes d'eſta data vem a *myrrha* mencionada nos livros Moſaicos, e nas obras dos gregos, por exemplo, nas de Theophraſto, o qual mui claramente a diſtingue do incenſo.

Garcia de Orta ſaz a meſma diſtincção, e cita dois nomes da ſubſtancia: o de *mirra,* que é o grego *σμύρνα,* e vem do hebraico *mur;* e o de *bolla,* uſado no Oriente, que ſe liga á fórma ſanſkrita *vola,* e á coptica *bal.*

Tambem tinha ſobre a ſua procedencia idéas muito claras, pois ſabia que vinha da Arabia, e egualmente da Ethiopia, ou terra do Abexim; mas nunca pôde ſaber da origem botanica a verdade, nem como a arvore era feita. Unicamente averiguou que os *bedoins,* gente montez, e fallando o arabio puro, a traziam a Brava e a Magadaxo por terra. Como ſe vê, eſtas informações eram,—para aquelle tempo,—muito completas, e pouco mais ſe ſoube nos ſeculos ſeguintes, pois as plantas ſó foram deſcriptas nos noſſos dias, e ainda aſſim de modo imperfeito [1].

Camões, dando-lhe por patria a Arabia, é, como ſempre, correctiſſimo; e muito mais que Garrett, o qual no ſeu *Camões*, com liberdade poetica faz creſcer a arvore na India:

---

[1] Cf.—Oliver, *Flora of Tr. Afr.*, I, 325.— Flück. and Hanb. *Pharmac.*, 124.—Yule, *Marco Polo,* I, 76.—Theophraſto, *Hiſt. pl.*, IX, 4 pag. 144.—Sprengel, Comment. in *Dioſc.*, II, 371.—Garcia de Orta, *Colloquios,* 214.

Os echos das ſoidões que lava o Ganges,
As veigas onde creſce a palma do Indo
Apprenderam teu nome. E o meigo accento
De minha branda lyra repetindo
No ſuſurro das folhas recendentes
A filha de Cinyras murmurava;

Mas bem ſe pode perdoar a leve incorrecção botanica, envolvida n'eſtes verſos, admiraveis e de todo o ponto dignos do Poeta que os inſpirou.

Nas ilhas de Maldiva naſce a planta,
No profundo das agoas ſoberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.
x, 136.

A hiſtoria d'eſta planta é muito curioſa. É uma palmeira de grandes dimenſões, a *Lodoicea Seychellarum* Labill., que tem uma habitação muito reſtricta, pois ſó ſe encontra no pequeno grupo das Seychelles, e ahi apenas na ilha Praſlin, e duas mais. Como eſtas ilhas fiquem muito empégadas no mar das Indias, e arredadas do caminho da navegação, que habitualmente ſeguia o canal de Moçambique, permaneceram deſconhecidas até ao ſeculo paſſado, e deſconhecida por tanto a *Lodoicea*. Não aſſim os ſeus fructos, cocos de notavel grandeza, que caindo ao mar eram levados para o oriente pelas correntes maritimas, ajudadas em parte do anno pela monção de SW. Occaſionalmente eram arremeſſados ás praias em differentes regiões, e mais particularmente na extenſa corda de innumeras ilhas baixas e *atolls*, conhecidas com o nome de Maldivas. Como era natural, eſtes enormes cocos fluctuantes attraíam a at-

tenção, ſendo os naturaes que os achavam obrigados ſob graves penas, a entregal-os aos ſeus reis ou chefes; e naturalmente tambem, vendo-os ſobre as aguas, ou na areia onde os lançava a maré, e não conhecendo a planta que os creava, ſuppozeram-os produzidos por vegetaes ſubmarinos, chamando-lhes *cocos do mar* e *cocos das Maldivas*.

Não encontro nas relações dos viajantes da edade média noticia d'eſte coco. O proprio Ibn Batuta, que não ſó eſteve nas Maldivas, mas ali ſe demorou anno e meio, caſando e ſendo nomeado Kadi, não dá relação d'elle, dando aliás uma longa deſcripção das ilhas. Nos eſcriptores portuguezes encontra-ſe mencionado com frequencia, e Barros diz, que nas Maldivas: «em algumas «partes de baixo da agua ſalgada naſce outro genero d'el«las (palmeiras), as quaes dão um pomo maior que o «coco.» Garcia de Orta conta que, ſegundo a fama commum, os palmares ſe haviam alagado, e as velhas palmeiras ſubmerſas creavam aquelles grandes e duros cocos; não parece porém dar completo credito a eſta verſão, promettendo indagar a verdade do caſo, quando foſſe ao Malabar. No anno de 1690, mais de um ſeculo depois de Camões, ainda Rumphius, um notavel naturaliſta, acreditava na origem ſubmarina d'eſtes fructos. Dá, no ſeu livro, uma longa deſcripção d'eſte producto maravilhoſo *«hujus miri miraculi naturae, quod princeps eſt «omnium marinarum rerum quae rarae habentur»*, e conta as curioſas lendas que ſobre elle corriam.

Segundo uma das mais intereſſantes, ſó havia no mundo uma d'eſtas arvores, ſituada n'um abyſmo ou pégo profundo para o ſul de Java; a ſua copa emergia das aguas, e ahi pouſavam ou faziam ninho os *gerudas*, aves que nas garras arrebatavam elephantes, rhinocerontes e outros animaes de egual jaez. Bem poucos homens a haviam visto, porque a ſua aproximação era perigoſa, e

a arvore retinha, ou atraía os navegadores, que depois ferviam de pafto aos *gerudas*.

Envolve-fe aqui com a lenda do *paufengi*—que affim chamavam a arvore—a perfiftente lenda da exiftencia de uma ave colloffal, o *geruda* dos hindus, o *fimurgh* dos perfas, o *angka* dos arabes, e o *roc* ou *ruch,* com que o conhecido Sindbad paffou tão eftranhas aventuras, que Ibn Batuta viu ao longe nos mares do Oriente, e que Marco Polo affirmou exiftir em Madagafcar.

Voltando porém ao *coco do mar,* ve-fe que as opiniões eram accordes, no tempo do noffo Poeta, e muitos annos depois, em o julgar o fructo de uma planta, creada no *profundo das aguas* [1].

Pelas fuas virtudes medicinaes, tambem foi geralmente conhecido, e particularmente notado como antidoto. Barros diz, que era mais efficaz contra a peçonha do que a pedra *bezoar,* e Orta conhecia a fama das fuas qualidades, mas não tinha d'ellas experiencia propria, pois tendo á fua difpofição *bezar, triaga, terra fegillata* e outras mézinhas boas, declara não o haver empregado, e não affirmar fenão o que fabe: *fendo teftemunha de vifta,* ou *por peffoas dignas de fé.*

Mas que era celebrado não ha duvida, e muito procurado. Da India vinham eftes *cocos* para a rainha de Portugal; e na Europa, montavam-fe em prata e oiro, como um que figurou Clufius na fua verfão latina do livro de Orta. Um certo almirante hollandez, Wolferio Hermano, que no anno de 1602 commandara uma acção nos mares de Bantam, contra a efquadra portugueza de André Furtado de Mendonça, poffuia um d'eftes co-

[1] Cf.—Sobre a defcripção da planta, Hooker, *Botan. mag.*, t. 2734.—Sobre as opiniões antigas, Barros, III *Decada*, 7.—G. de Orta, *Colloquios*, 70.—Rumphius, *Herb. Amb.*, VI, 210.—Sobre a lenda das aves, Major, *India*, XXVI.—Yule, *Marco Polo*, II, 349.

cos; e por ſua morte o imperador Rodolpho II, chegou a offerecer por elle aos herdeiros, quatro mil florins, porém eſtes não quizeram ceder o precioſo fructo, unico que então exiſtia na Hollanda[1].

Tal era a ſua reputação de *antidoto excellente*.

[1] Cf.—Rumphius, *loc. cit.*—Orta, *loc. cit.*—Cluſius, *Exoticorum*, etc. 193.

Verás defronte eſtar do Roxo eſtreito
Socotorá, co'o amaro Aloe famoſa;
x, 137.

Do ſucco amargo das folhas de diverſas eſpecies de *Aloë*, plantas carnoſas da familia das Liliaceas, ſe obtem eſta droga. A eſpecie mais conhecida, *Aloë Socotrina* Lamark, habita a ilha d'onde tirou o nome, aſſim como outras regiões viſinhas ao mar Vermelho, e parte occidental do mar das Indias.

Celſo, Dioſcorides e outros auctores gregos e latinos conheceram eſta ſubſtancia, dando-lhe o nome de αλομς e *aloes*, derivado—ſegundo Sprengel—do ſyriaco *alwai*. Os portuguezes lhe deram o meſmo nome, aſſim como o de *herva baboſa*, pela abundancia de ſucco de ſuas folhas; e antigamente o de *azevre*, do arabe *ſaber* ou *aſ-ſaber*.

Deſde remotos tempos foi Socotorá, a terra claſſica do aloes. Eſta ilha é a *Dioſcoridis* dos gregos, nome que nenhuma relação tem com o do celebre naturaliſta, e ſe deriva do ſanſkrito *Dvipa-ſukadara*, contraído em *Diuſcatra*.

Entre os eſcriptores arabes correu uma curioſa hiſto-

ria, ſobre a cultura do aloes n'aquella ilha. Encontra-ſe nas *Relações da India e da China* de dois viajantes mahometanos, que datam do IX ſeculo, e foram publicadas por Renaudot no paſſado; e, com ligeiras variantes, nos *Prados de oiro* de Maçudi, e na *Geographia* de Edriſi. A ſua ſubſtancia é a ſeguinte. Ariſtoteles recommendara a Alexandre que procuraſſe a ilha que produzia o aloes; effectivamente eſte, de volta da India, mandou ou foi a Socotorá, e, por conſelho do ſeu meſtre, deſterrou d'ali os habitantes, e fundou uma colonia de ionios, para eſpecialmente cuidarem da cultura da famoſa planta. Mais tarde a colonia grega abraçou o christianiſmo.

Sob circumſtancias fabuloſas, deve aqui haver um fundo de verdade, em quanto á antiga cultura da planta, e talvez ao eſtabelecimento de uma colonia grega, a que Coſmas já allude no VI ſeculo.

No que diz reſpeito á remota introducção do chriſtianiſmo n'aquella ilha, não exiſte duvida alguma. Além das indicações citadas, temos as affirmações de Marco Polo, que ali achou eſtabelecido um arcebiſpo, independente do papa, e ſugeito ao arcebiſpo de Baudas, a de Nicolo Conti, e varias outras.

A Portugal haviam chegado noticias d'eſtes chriſtãos, e os capitães portuguezes levaram ordem de os procurar e proteger contra a oppreſſão dos arabes e turcos. João de Barros falla muito d'eſtes chriſtãos; mas parece, ſegundo Duarte Barboſa, que os veſtigios de religião eram já no ſeu tempo eſcaſſos. Gaſpar Corrêa conta, com a ſua habitual ingenuidade, que, quando ali aportou Triſtão da Cunha em 1507, os habitantes vieram aos noſſos, e ſe chamavam chriſtãos, porque os frades e o capitão mór lhes davam pannos, e lhes faziam bom trato, mormente ás mulheres, que nos portuguezes achavam boa converſação.

Do livro de Marco Polo, e das aſſerções de Conti,

deprehende-se que estes christãos eram nestorianos; mas João de Barros diz mui espressamente que eram *jacobitas da casta dos Abexiis;* e diversas circumstancias, como a pratica da circumcisão, e outras, parecem favoraveis a esta opinião, que o erudito Yule se mostra disposto a acceitar. Fosse qual fosse a origem do christianismo, estava este quasi apagado, reduzido a algumas praticas grosseiras, e os habitantes caídos n'um estado de rude selvageria, quando os nossos tomaram conta da ilha.

Continua hoje esta decadencia, e a cultura do *aloes,* que se introduziu e tem prosperado nas colonias inglezas do Cabo, e na America, pouco tem progredido, se não tem quasi desapparecido da sua antiga patria. No tempo de Camões, conservava porém a reputação, que tornara a ilha famosa [1].

---

[1] Cf.—Flück. and Hanb., *Pharmac.,* 616.—Sprengel, Comment, in *Diosc.,* II, 503.—Maçudi, *Prairies,* III, 36.—Edrisi, *Geogr.,* I, 47. —Yule, *Cathay,* 168, e *Marco Polo,* II, 342.—Barros, II *Decada,* I, 3.—Gaspar Correia, *Lendas,* I, 684.—Duarte Barbosa, *Noticias,* II, 263.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co'o o páo vermelho nota;
De Sancta Cruz o nome lhe poreis,
x, 140.

Refere-se aqui Camões ao *páo brazil* da America, produzido por diversas arvores do genero *Cæsalpinia,* da familia das Leguminosas, e por outra arvore da mesma familia, o *Peltophorum Linnaei* Bentham.

A historia d'este nome *brazil* é interessante, e merece algumas palavras de explicação.

Foi conhecida defde tempos remotos, a madeira vermelha, empregada na tinturaria, de uma grande arvore efpalhada pelo Oriente—na India, Indo-China e archipelago—a *Caefalpinia Sappan* L. Pelo nome arabe de *bokkam* a menciona Maçudi no x feculo, e depois outros viajantes da mefma nação. Na Europa tinha o nome de *brazil,* que geralmente fe julga derivado da fua côr rubra, femelhante á das *brazas.* Efte nome *brefill*, *brafilly* e ainda com outras orthographias, era conhecido na Italia no anno de 1193, e na Hefpanha no de 1221, como confta de varios documentos, publicados por Muratori e Capmany, e citados por Humboldt. Marco Polo na relação franceza da fua viagem,—que parece fer a primitiva—dá-lhe o mefmo nome de *brêfil.* Os italianos ufaram da mefma defignação na fórma *verzino*, que fe encontra, por exemplo, no livro commercial de Pegolotti, do anno de 1340 proximamente. E nós temos uma menção da madeira em um livro portuguez, anterior ao defcobrimento de Pedro Alvares Cabral: de feito no *Roteiro da viagem de Vafco da Gama* fe diz, que em Tenacar—provavelmente Tenacerim—ha «muito bom brafyll, o qual faz «muito fino vermelho.» Por onde fe vê que efte nome foi bem conhecido dos noffos navegadores antes de fe defcobrir a região, a que depois se applicou.

Quando os viajantes europeos aportaram ás praias do Novo Mundo, obfervaram efpecies novas de *Çaefalpinia,* cuja madeira tomaram pelo *brazil,* feu conhecido. Anghiera, nas *Oceanicas*— citadas por Humboldt—conta que Colombo encontrou em Haiti grandes floreftas das arvores que, *mercatori Itali verzinum, Hispani brafilum appellant.*

Nas terras defcobertas por Pedro Alvares Cabral, no anno de 1500, e por elle chamadas de Sancta Cruz, havia muito *brafil.* Os indigenas davam á arvore o nome de *ibirapitanga,* como refere Marcgravio, mas os por-

tuguezes confervaram-lhe a antiga e bem conhecida defignação. A mercadoria do Oriente, continuou por algum tempo a fer conhecida, e Garcia de Orta, dá-lhe o velho nome de *brafil,* e diftingue-a bem do *fandalo vermelho,*—mais correctamente mefmo do que fuppoz Humboldt. Pouco a pouco porém foi perdendo o feu nome, paffando a fer conhecida pela defignação malaya de *fappan,* que hoje tem no commercio.

A nova mercadoria americana, não fó confervou o nome que havia ufurpado, mas deu-o á região d'onde agora vinha, que começou a fer chamada *terra do brazil,* ou fimplefmente *Brazil.*

Efta etymologia é conhecida, acceita por todos, e expreffamente affirmada por Barros onde diz, que o demonio «tanto que d'aquella terra começou de uir o páo «vermelho chamado Brazil, trabalhou que efte nome fi«caffe na bocca do povo, e que fe perdeffe o de Sancta «Cruz, como que importava mais o nome de um páo «que tinge pannos, que o d'aquelle páo, que deu tintura «a todolos Sacramentos per que fomos falvos.

Sem a conteftar por modo algum, ha um reparo a fazer. Em varios mappas da edade média, como no *Portulano medicêo,* e na *Carta* de Andrea Bianco, figuram no Atlantico, ilhas fabulofas ou reaes, a uma das quaes fe dá o nome de *Bracía* e *Brazil;* e que já fe pretendeu identificar com a Terceira. Será uma fimples coincidencia, ou terá efte nome alguma relação com o da madeira vermelha, ou com o da vafta região que depois fe defcobriu para aquelles lados? É o que me não parece bem averiguado, mas em todo o cafo não vem ao noffo propofito.

Deixemos apenas mencionado, que Camões conhecia o *páo vermelho*, e, com a fua habitual correcção, o localifa nas terras de Sancta Cruz [1].

[1] Cf.—Maçudi, *Prairies*, I, 338.—Yule, *Marco Polo*, II, 153.—

Rumphius, *Herb. Amb.*, IV, 56.—Georg. Marcgravii, *Hiſt. rerum nat. Braſiliae*, 101, ed. de 1640.—G. de Orta, *Colloquios*, 186.—Barros, I *Decada*, V, 2.—Gaſpar Correia, *Lendas*, I, 151.—Humboldt, *Hiſt. de la Géogr. du nouveau Continent*, II, 214 e ſeguintes. Em quanto á citação de G. de Orta que aqui ſe encontra, é de notar, que o ſabio naturaliſta, como quaſi todos os eſcriptores eſtrangeiros, parece não conhecer a rara edição de Goa dos *Colloquios*, e unicamente a verſão latina, ou antes arranjo—e baſtante incompleto—de Charles de l'Écluſe. Vem a propoſito indicar, que me ſervi n'eſte trabalho da edição de Varnhagen, tendo o cuidado de a confrontar, em algumas paſſagens importantes, com a de Goa de 1563, que poſſue a Bibliotheca Nacional.

Podemos afoitamente affirmar, depois d'eſte exame, que o grande Poeta tinha ſobre os vegetaes do Oriente noções, que—para o ſeu tempo—eram, não ſó baſtante extenſas, como admiravelmente rigoroſas.

Não ſe demora em deſcripções longas; um epitheto, uma phraſe curta, raras vezes mais de um verſo, é tudo quanto encontramos relativamente a cada producto vegetal. Mas eſſe epitheto, ou eſſa phraſe moſtram um conhecimento ſeguro da natureza da ſubſtancia: a pimenta e o cravo são *ardentes*, o aloes é *amaro:* o lenho de aloes é ſimpleſmente o *páo cheiroſo;* mas o ſandalo uſado como perfume, e tambem como medicamento é *ſalutifero e cheiroſo:* o benjuin que exſuda dos troncos n'um eſtado paſtoſo, quaſi fluido, é o *cheiroſo licor, que o tronco chora*; mas á camphora que promptamente ſe ſolidifica em pequenas gottas ſemi-cryſtallinas, chama-lhe as *lagrimas, no licor coalhado e enxuto:* a canella é a *cortiça calida cheiroſa*. Sem nos demorar-mos a examinar a belleza litteraria das expreſſões, ſobrias e energicas, ou a feliz eſcolha dos termos, devemos no entanto notar o ſeu rigor, verdadeiramente ſcientifico. Não ha um ſa-

crificio á medida ou á rima, não ha um epitheto vago; o efcriptor fabe fempre conciliar as exigencias da fórma poetica, com a nitidez correcta de uma *diagnofe*.

A *geographia botanica* do poema, é tambem, como claramente fe deduz do exame feito nas paginas precedentes, de uma exactidão furprehendente. As patrias das plantas são defignadas com um conhecimento feguro, e um efcrupulo admiravel: o *aloes* é de Socotorá, o *incenfo* de Dofar, a *canella* de Ceylão, a *camphora* de Bornéo, a *noz* de Banda, o *cravo* de Maluco, e o *lenho aloes* de Champá. Tudo ifto é rigorofamente verdadeiro: eftas localidades produziam exclufivamente aquellas fubftancias, ou creavam as melhores qualidades, ou tinham no Oriente efpecial fama e nomeada pela fua producção.

Se agora confiderarmos a fciencia portugueza, de que nos *Lufiadas* encontramos como o ecco poetico; e a confiderarmos no campo reftricto em que nos temos encerrado, do conhecimento das fórmas vegetaes, fer-nosha facil reconhecer que conftituia um notavel progreffo, relativamente ás épocas anteriores.

No que diz refpeito aos ricos productos orientaes, de que Camões principalmente fe occupou, vimos que pela maior parte haviam fido conhecidos defde tempos remotos. De feito os portuguezes não defcobriram as regiões do extremo Oriente, e unicamente um facil caminho para lá. Não fe trata aqui de terras novas, reveladas pela primeira vez á Europa, como no littoral africano que vae do cabo Bojador ao das Correntes, nas praias de Sancta Cruz, ou nas Antilhas, defcobertas pelos hefpanhoes. O mundo antigo teve conhecimento da India, da China, e dos grandes archipelagos orientaes. Se porém por mundo antigo entendermos, unicamente as civilifações que fe agruparam em volta da bacia Mediterranica, que fe conheceram e penetraram mutuamente,

e de cujo trabalho intelleɛtual naſceram as ſociedades e a ſciencia moderna, vemos que eſſe conhecimento foi muito imperfeito. As litteraturas como as ſciencias proprias ao extremo Oriente,—a da China, e meſmo a da India—não as podemos conſiderar aqui, pois permaneceram iſoladas, e não tomaram direɛtamente parte n'eſte movimento de idéas que conſtitue a hiſtoria da ſciencia. Só recentemente ſe reconheceram os eſtreitos laços que uniam os povos da India aos da Europa. Os antigos nem os ſuſpeitaram. Os chamitas do Egypto, e os ſemitas da Paleſtina influiram mais poderoſamente na marcha da civiliſação européa do que os hindus, apezar das affinidades de raça e da lingua.

Entre eſſe mundo antigo, de que a ſciencia moderna deriva, e o Oriente, não houve pois contaɛto intimo, e unicamente relações indireɛtas e muitas vezes interrompidas, taes como podiam provir de longinquas expedições guerreiras, de um commercio heſitante, de uma navegação na infancia, e do eſtado de barbarie de algumas regiões intermedias. Eſtes conhecimentos imperfeitos revelam-ſe nos livros. As noções ſobre produɛtos vegetaes do Oriente que encontramos no tratado de Theophraſto, contemporaneo de Alexandre, como as que depois nos deparam as obras dos eſcriptores da eſcola de Alexandria, e as dos romanos, ſão confuſas, incompletas, e não poucas vezes abſolutamente contrarias á verdade dos faɛtos.

No longo periodo da edade média, apezar das temeroſas invaſões dos povos barbaros, das guerras de exterminio, e das inceſſantes agitações de toda a natureza que perturbam a Europa, não ſó ſe conſervam as noções adquiridas pelos antigos, como ſe completam e reɛtificam em muitos pontos.

Duas poderoſas correntes contribuem para dar eſte reſultado. A primeira e ſem duvida a mais efficaz, é

a ſingular expanſão da raça arabe, que tem logar depois do VI ſeculo. Os ſectarios do Iſlam eſtendem-ſe como conquiſtadores ou commerciantes do extremo occidental da Europa aos mares da China. Deſenvolvem ao meſmo tempo o movimento ſcientifico, encetado na Perſia pelos neſtorianos, e fundam em Bagdad e em Cordova eſcolas celebradas. Quaſi todas as noções adquiridas pela Europa na primeira parte da edade média, ſobre a geographia e as producções do Oriente, lhe ſão tranſmittidas pelos arabes.

A ſegunda corrente vem um pouco mais tarde, e exerce menor influencia no deſenvolvimento da ſciencia. Refiro-me á penetração dos miſſionarios catholicos no Oriente, que tem logar ſobretudo durante a dominação dos tartaros, e á ſombra da ſingular tolerancia religioſa de potentados ſemi-barbaros. Muitos frades, principalmente minoritas, percorrem então a Aſia central e meridional, dando nas ſuas narrativas rudes, mas em geral perfeitamente veridicas, curioſas noticias d'aquellas mal conhecidas terras.

Ao examinarmos hoje os precioſos documentos que nos legou a edade média, nos eſcriptos dos arabes, nos dos miſſionarios, e nos de alguns celebres viajantes italianos, ſeriamos levados naturalmente a exagerar a importancia das informações que, ſobre o Oriente, poſſuia então a Europa. Mas a verdade é que nós temos hoje mais completá noticia d'aquelles documentos, do que nunca tiveram os contemporaneos. Tem-ſe notado, com razão, que nos periodos anteriores á invenção da imprenſa, a ſciencia eſtava em um eſtado de ſingular fluctuação. Nos noſſos dias as noções uma vez adquiridas, encorporadas em obras de larga publicidade, ficam definitivamente fixadas. Então a publicidade era limitada, os manuſcriptos eram raros, perdiam-ſe nos archivos, d'onde ſe exhumavam paſſados annos, ou paſſados ſeculos,

quando não haviam ſido irremediavelmente deſtruidos. D'aqui reſultavam periodos de immobilidade, e por vezes de verdadeiro retroceſſo. Os eſcriptores manifeſtavam frequentemente uma ſingular ignorancia das obras dos ſeus contemporaneos ou predeceſſores. Eſta fluctuação, e eſta ignorancia, deram-ſe de modo notavel, durante a edade média.

Entre os livros arabes, alguns como o *Canon* de Ibn Sina—o celebre Avicenna—ou as obras de Serapio, tranſladados para latim, foram muito eſtudados na Europa, e conſiderados como os oraculos das eſcolas; porém outros, como as *Relações da India e da China,* os curioſos *Prados de oiro,* as inſtructivas viagens de Ibn Batuta, e muitos mais, ſó foram vertidos dos codices arabes pelos orientaliſtas modernos, e por tanto permaneceram ignorados ou mal conhecidos nos tempos a que nos referimos.

O meſmo ſuccedeu, e ainda de modo mais pronunciado, com os eſcriptos dos frades. Quando hoje lemos os livros em que notaveis homens de ſciencia—á teſta dos quaes é juſto collocar o doutiſſimo coronel H. Yule—reuniram, explanaram e criticaram os *Mirabilia* de Jordanus, o *Chronicon Boëmorum* de Marignolli, a *Deſcriptio* de fr. Odorico ou outras obras antes diſperſas, temos uma illuſão ſingular. A ſciencia do commentador como que ſe funde, com as noções imperfeitas dos ſingelos frades. Eſſas narrativas incorrectas e confuſas reunidas em corpo de doutrina, completando-ſe mutuamente, e illuminadas á luz de notas eruditiſſimas tomam uma importancia que de feito não tiveram. Quando porém andavam pelas mãos de leitores ignorantes, ſe não jaziam ignoradas em archivos de conventos, pouco podiam influir para adiantar os conhecimentos humanos.

É certo que as obras dos arabes, dos miſſionarios e dos viajantes—entre os quaes brilha na primeira plana,

Marco Polo—influiram na redacção de alguns tratados geraes, e no trabalho dos cartographos, porém menos directamente do que feria licito fuppor. Não amefquinhando eftes documentos, fem duvida de grande importancia, devemos todavia notar que davam fobre o Oriente umas noticias, incompletas, nebulofas e fragmentarias.

É n'efte periodo que interveem as viagens portuguezas, e a redacção dos livros portuguezes. Aos clarões fuccede a luz. Os *roteiros,* as *lendas* ficam infelizmente ineditos, mas publicam-fe os livros de Barbofa, de Barros, de Orta, de Couto e de outros. A célebre compilação de Ramufio, compõe-fe pela maior parte de verfões do portuguez. Um dos mais notaveis livros fcientificos da época, o *Exoticorum libri decem* de Clufio, é egualmente formado em parte de materiaes portuguezes; do livro de Orta, do de Cofta, a que fe junta a notavel obra do hefpanhol Monardes. As viagens portuguezas influem na fciencia, não fó pela grande copia de obfervações novas que permittem fazer, como pela confirmação ou rectificação das que fe haviam já feito, e pela ligação das que andavam difperfas. É um trabalho de generalifação e de publicidade. Para lhe dar efta feição concorrem a invenção da imprenfa, e os caracteres da lingua portugueza, culta e energica, que então attinge um grau elevado de perfeição.

Perfeição patenteiada na profa limpida e fluente de João de Barros, e affirmada nas maravilhofas eftancias de Luiz de Camões.

FIM

INDICE

DAS PLANTAS CITADAS, E ÁS QUAES ALLUDE CAMÕES DIRECTA OU INDIRECTAMENTE

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

Pag.	linha	onde se lê		leia-se
Pag. 14,	linha 30—	onde ſe lê—fonte		—leia-ſe—fronte
» 55,	» 13—	»	—Antiarias —	» —Antiaris
» 59,	» 26—	»	—560 —	» —56, v.
» 59,	» 29—	»	—inſenſo —	» —incenſo